LIVRO RARO

eBooksBrasil

www.ebooksbrasil.org

Sertão em Flor
Catullo da Paixão Cearense [1863-1946]
Prefácio do Dr. Mario de Alencar
(Da Academia de Letras)

Edição
eBooksBrasil

Fonte Digital
Digitalização da edição publicada pela Bedeschi — Rio 1939

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyright: ©2000,2006 Catullo da Paixão Cearense
[ver nota de copyright]

ÍNDICE

Nota do Editor: 4
Índice da Obra: 9
Nota de Copyright: 235

Nota do Editor

Quem não conhece ou já não cantou “O Luar do Sertão” de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco?

Mas quantos das novas gerações sabem que Catulo foi um poeta de rara inspiração e 15 livros publicados?

Onde estão estes livros?

Impossível achá-los nas livrarias físicas ou online.

Tenho notícia, apenas, de uma compilação de poemas editada pela Ediouro [www.ediouro.com.-br], intitulada “Luar do Sertão e Outros Poemas Escolhidos” que reúne “alguns dos poemas de Catullo da Paixão Cearense, selecionados, organizados, anotados e revistados por Guimarães Martins”.

Nos sebos, só após poeirentas garimpagens.

O exemplar, raro, que serviu de fonte para a digitalização desta edição, data de 1939 e foi editado por Bedeschi [Rio, 1939] e é uma 6ª

edição, o que revela como, em sua época, Catullo era lido e apreciado.

Na presente edição, conservou-se integralmente a grafia original, cuidando-se apenas de atualizar, para benefício dos novos leitores, o que, sem sombra de dúvida, correspondia à ortografia da época e não à reprodução do linguajar sertanejo empregado por Catullo.

Esperamos, com esta "republicação" de Catullo, ajudar a tornar realidade as palavras de Júlio Dantas, que figura nas primeiras páginas do livro: "Creio que o seu nome só terá o devido esplendor e será suficientemente grande, depois que a morte lhe fechar os olhos."

Como não se passaram ainda 70 anos que a Poesia perdeu Catulo e que ele foi reencontrá-la pessoalmente, chamo a atenção do leitor para a Nota de Copyright no fim da edição.

E sem mais, boa leitura!

“Catullo é o sublime cantor da terra brasileira na sua encantadora poesia.”

ADELAIDE DE CASTRO ALVES, irmã do grande poeta Castro Alves.

“Catullo é o grande poeta brasileiro, o grande cantor da nossa terra, o Brasil.”

Maior do que ele, ninguém.

BELMIRO BRAGA

“Acompanhando-se ao violão e cantando uma das suas composições, Catullo é extraordinário, é arrebatador! Duvido que haja um coração insensível à sua arte. No seu gênero, foi o maior cantor do Brasil. Por isso, Olga Praguer, a grande cantora, considera-o “o maior lírico e cantor popular”.

Maestro VILLA LOBOS.

“Catullo Cearense é o mais brasileiro dos poetas do Brasil.”

(BELLO REDONDO, do *Diário de Notícias*, de Lisboa.)

“Os versos de Catullo Cearense do poema o “Sol e a Lua”, são uma das mais brilhantes tiradas lírico-panteísticas já compostas no idioma camoniano.”

AGRIPPINO GRIECO.

“Catullo, depois de seus livros de modinhas e lundús, redescobriu para seu uso próprio, a poesia regionalista, que procura imitar a dicção e o sentir do homem rural. Nessa imitação é que ele tornou-se um poeta admirável, certamente o maior criador de imagens da poesia brasileira. Com o *Meu Sertão* deu um livro pouco menos que genial. Quando Catullo brilha mais, quando atinge os fulgores verdadeiramente sublimes do estro dele, é nos momentos em que descreve a natureza, um sentimento ou um ser, especialmente — a mulher. Catullo não sabe pressupor. Conta tudo para ficar bem entendido pelo autor. É um fenômeno de cultura, de civilização. Mas eis que Catullo Cearense se bota comentando um sentimento, uma cabocla, surge, então, o vate admirável, analista bom, frase percuciente e sobretudo o espantoso criador de metáforas. Catullo Cearence foi sublime no *Meu Sertão*.

(MARIO DE ANDRADE. — De um estudo sobre Catullo, num jornal de S. Paulo.)

"... o galo triste do luar do sertão do nosso Catullo..."

(Trecho da *Oração aos Moços*, Discurso de Rui Barbosa aos bacharelandos da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1920. Página 29.)

"O Brasil contemporâneo, o Brasil intelectual, ainda não se deu ao trabalho de ler e meditar a obra de Catullo Cearense, desse formidável poeta regional, que pode muito bem ser incorporado aos grandes poetas da sua geração. Creio que o seu nome só terá o devido esplendor e será suficientemente grande, depois que a morte lhe fechar os olhos."

JULIO DANTAS

ÍNDICE

A Luiz Carlos: 10
A poesia de Catullo: 14
A Catullo Cearense: 28
Em louvor de um poeta: 30
Nota prévia: 32
O sonho: 37
Alvorada do sertão: 43
João Branco na capital: 47
O fazendeiro e o roceiro: 104
A resposta de Géca-Tatú: 129
Braz Macacão: 148
Assombrações: 210
A justiça do crime: 220
A música do morto: 229

A LUIZ CARLOS,
O GRANDE POETA DAS "COLUNAS", NO DIA DO ANIVERSÁRIO DO AUTOR

Fiz ontem (com que pesar!)
cinqüenta e sete janeiros!
Os anos passam ligeiros!
Mas isso é coisa vulgar.

Nós todos nos enganamos:
pois o tempo, (eis a desgraça!)
não existindo, não passa...
e somos nós que passamos!

Mas o tempo, (eis a verdade)
que tudo põe em ruínas,
só não tem garras ferinas
para matar a Saudade.

Pois foi com ela, a Saudade,
que ontem, dentro do meu ninho,
passei o dia inteirinho,
o dia todo a cantar.

E como faz bem ao peito,
resuscitando o desfeito,
num velho “pinho” chorar!

Assim, cantando, gorjeando,
é que vamos evocando
os que lá foram “viajando”
para eternos jubileus!
E nós, os bardos, sabemos
que no mundo onde vivemos,
quem canta fala de extremos
com uma Saudade ou com Deus!

O mundo é uma songa-monga! —
Tendo a vida curta ou longa,
gritarei, como a araponga,
os gritos da minha dor.
Foi para isso, somente,
que Deus, cruel e clemente,
deu-me este horrendo presente
de me fazer trovador.

Ora, adeus!... A vida é esta!
A solidão é uma festa,
quando à nossa alma inda resta
a solidão do Ideal!
Pois no dia dos meus anos,
distante de olhos profanos,
e de tudo que é mortal,
sem visitas importunas,

com as cordas d'alma vibrando,
passei o dia sonhando,
a conversar com as COLUNAS
do seu livro divinal,
essas COLUNAS gigantes
de pedra filosofal.

Afirmem sábios doutores
que de alabastro são feitas
essas COLUNAS perfeitas,
com os seus plintos de amargores
e os fustes, que são de dores,
e os capitéis de oração,
porque eu, que tanjo uma lira,
direi aos sábios: mentira!...
É uma completa heresia!...
É uma completa ilusão!...
Porque. a pedra é coisa fria,
insensível e concreta,
e o seu livro, excelso poeta,
é a chorosa Eucaristia
da sua melancolia,
é a Poesia em contrição,
é a dor da Filosofia,
rugindo uma Ave-Maria
pela boca de um vulcão.

Essas COLUMNAS de glórias
serão Colunas marmóreas,

mas dos mármores das lágrimas
do seu grande coração.

CATULLO CEARENSE.
Rio, 8 de Outubro de 1920.

A POESIA DE CATULLO

Se fosse possível definir o indefinível, diria eu que a poesia é a expressão comovida e harmoniosa do mundo tal como é revelado pelo sentimento. Tê-la-ia definido aproximadamente ao menos?

Contenta-me que nessa fórmula estejam os elementos essenciais: — de um lado, o mundo, ou antes a representação do mundo ante o homem, na sua realidade presente, na sua origem, na sua possibilidade, no seu destino, e o mesmo homem, dentro dele; mas com a condição de serem mais sentidos que entendidos, pois que a inteligência raciocinante analisa, decompõe e abstrai, ao passo que o sentimento percebe concretamente por imagens; — do outro lado, a emoção que essas imagens excitam no espírito, não confusa, mas em linhas harmoniosas e concertada em ritmo, que é próprio modelo da emoção verdadeira.

Tal é a ocasião da poesia, e tudo pode sê-lo, contanto que se relacione com o sentimento humano.

De dois homens, ambos poetas, é possível que o mesmo fenômeno, ato ou coisa, tenha para um a força inspiradora, e ao outro pareça insignificante e trivial. A diferença procederá menos da capacidade da pessoa, da sua inteligência, que do estado do seu sentimento, o qual é constituído pelos antecedentes e circunstâncias aleatórias. A um homem da cidade, contente da cidade, não oferece o campo com o seu cenário e os seus costumes, um tema de poesia; a um homem campestre a cidade, ou impressiona pelo tumulto inadequado a inspirá-lo, ou desperta, pelo contraste, a imagem do campo, que ele sente e pelo qual se comove.

Despertando, entretanto, o sentimento de um ou do outro, este pelo campo, aquele pela cidade, para um e outro reciprocamente o campo e a cidade assumirão a força poética, se a expressão que os comunicar, for sinceramente comovida.

Não basta pois em si o objeto inspirador; é mister que o interprete um sentimento; e não basta ainda ter sido sentido, é preciso compor-se em comoção, que induza em outrem sentimento equivalente.

É difícil dizer o que é que mais releva, se o sentimento inicial, se a emoção ulterior que lhe dá corpo. Na verdade existe uma relação, como de causa e efeito, e entre causa e efeito não há sepa-

rar dependência; e nesta espécie, causa e efeito invertem-se e influem-se mutuamente, durante a gestação recôndita da obra poética.

Feita essa consideração, cuja análise interessa mais à psicologia que à estética, pode-se afirmar que na poesia o principal é a expressão, porque é o que a torna sensível, é o que a faz existir para os outros, é como no homem físico, o semblante, que o manifesta e o distingue. É pois individual, como a fisionomia, ainda que, como a fisionomia, tem os traços comuns da espécie, da raça e da família.

Aos traços comuns da espécie, da raça e da família, corresponderiam na expressão poética os dos gêneros épico, lírico e dramático. Às feições individuais responderiam as qualidades do estilo. Do mesmo modo que no semblante humano as feições são diferentes, embora sejam comuns os traços de família e de raça, dos quais elas se formam; assim a expressão de cada poeta, formada na identidade da língua e dos costumes, do meio e do pensamento, distingue-se pela característica pessoal, de índole, de emoção, de impressões sucessivas, da influência obscura das circunstâncias; e isso lhe constitui o estilo. A expressão que resulta do sentimento experimentado e da pessoalidade do estilo, individualiza o que em natureza existe aparentemente confuso; e ao mesmo tempo, pelo só efeito

da individualização, predomina sobre todas as manifestações comuns daquele sentimento. Exemplificando: o amor é um sentimento comum a todos os homens; todos o exprimem necessariamente, mas a expressão poética do amor, como a dá o poeta sincero ao seu amor individual, parece a todos os homens a única, embora essa unicidade seja sucessivamente atribuída a cada nova expressão sinceramente poética do amor. Cada expressão individualiza um estado, um momento de amor, mas pela sua mesma força de comoção vivida, torna-se um tipo universal.

A poesia coexiste com o mundo e o homem; a expressão da poesia, porém, humana e pessoal, varia com a mutação das idades e dos meios; e cada idade e cada meio possuiria modos de expressão nitidamente diversos dos anteriores e estranhos, se não fosse o prestígio conservador, e por sua vez inspirador, das expressões que no passado atingiram a graça da perfeição e da perpetuidade.

O efeito, p. e., do progresso material e científico, que determinou a explicação máxima atingível das coisas do mundo e o conhecimento total da terra e dos seus habitantes, foi a extinção dos mitos, e o predomínio da razão. A poesia do homem moderno, em condição progressiva, devera exprimir-se na linguagem da prosa, que é

a forma própria da análise. Perduraria a expressão simétrica somente em raros poetas, que pudessem ficar alheios à marcha analítica e prosaica do espírito humano, preservando a alma elementar que foi a da infância do mundo, ignorante na ilusão e no sonho do mistério. A sobrevivência da poesia em verso, na maior parte dos que versejam, procede da imitação deleituosa, e em si mesma artística, das formas consagradas da beleza. Por isso subsistem ainda os gêneros, conservados pelo talento a serviço da vontade, por arte aliada à eloqüência, por economia do esforço e pelo reflexo inspirador das glórias antigas.

Mas ainda algumas almas elementares sobrenadam ao nivelamento; e para estas, cada vez mais raras criaturas, o verso é bem a legítima e ingênua forma de expressão poética. A uns uma feliz contingência os fez apontar, em plena civilização de desencanto, encantados, quase selvagens, extremes de ciência, com os sentidos virginalmente cheios da sensação direta e simples da vida. A outros, uma força preserva intactas, sob as aquisições da ciência e as impressões dos tempos, como sob uma máscara, a ingenuidade e a pureza da infância da alma: há no espírito deles compartimentos impermeáveis entre si, em que o espírito vive, casado à razão, casado ao sentimento; culto ou inculto, lógico ou místico; e pode ser assim ora a alma elementar da poesia,

ora a razão poderosa e sutil da filosofia e da crítica.

Está, entre aqueles primeiros, Catullo Cearense. Nascido no interior brasileiro, em terras que reproduzem a fase da infância da terra, ali viveu toda a idade plástica do espírito, vendo, ouvindo, cheirando, gostando, palpando, até a saturação dos sentidos, a natureza agreste brasileira. Não ficava lugar para a penetração de outras imagens estranhas; e as que recebesse depois seriam superposições flutuantes, indecisas, efêmeras, incapazes de apagar as primitivas, que já lhe formavam a consciência estética.

Permanecesse Catullo no sertão, teria sido naturalmente poeta, como são poetas as criaturas simples, na sua fala ingênua, de tom concreto, inspiradas da natureza vizinha e familiar; e o teria sido ainda pelo dom pessoal do sentimento e da imaginação vivaz. A sua concepção poética, porém, ficaria restrita em virtude da sua mesma familiaridade dos costumes e pela habituação do cenário; não iria talvez além das impressões, incisivas embora, mas curtas, que dão a matéria dos versos populares, raro excedentes de uma quadra, jamais dilatados à proporção de um canto. Nem o auditório que estimula o cantor, tem ali capacidade de atenção para o desenvolvimento dos temas, nem o mesmo cantor

possui as condições de coordenação e elaboração de demorados assuntos de poesia. A ocasião de compô-la oferecem-na os desafios à viola, de compasso breve; e o improviso significa a instantaneidade do sentimento provocado ao pé de uma fogueira festiva, ou a par de um baião, antes como acessório ou pretexto, do que como causa. Amortecida a dança, calado o instrumento, toda a inspiração se corporificou em cantigas dialogadas, ou desconexas. O sentimento, quando real e agredido, expandiu-se no desforço físico; e tudo entra na necessidade do meio rudimentar da natureza, trivial ou só por momentos trágico. Algum sentimento mais profundo que surja, traduz-se na toada vaga e inarticulada da música solitária, porque para a palavra não acha a simpatia continuada de alheio ouvido.

O bem ou mal do Catullo foi o seu afastamento do sertão natal. Distante, sob a experiência de outros costumes, deixou de ser ator no cenário nativo, para ser o espectador alongado e mais sensível dele. A humanidade embrionária do sertão cresceu aos seus olhos em figuras acabadas; os sentimentos, limitados aos desafios, tomaram a intensidade de estados de alma, estuosos e ardentes; os usos quotidianos tocaram-se do prestígio para a revelação a estranhos: surgiu o cenário em relevo, nas suas partes mais indiferentes aos seus olhos de outrora; tornou-se possível a perspectiva; cresceu

a saudade; deu-se o choque vibratório de todas as sensações adormecidas e da saturação dos sentidos virgens resultou a força imaginativa do poeta sertanejo em plena cidade.

A mesma relação necessária entre o objeto inspirador e a emoção expressiva, há entre o poeta e o auditório. O isolamento — e estar no campo é como estar isolado — é negativo para a criação. O trabalho espiritual procede com a condição da dualidade da luz e do som, que não existem sem o meio transmissor: não há luz no vácuo, não há som sem a ondulação do ar ou a vibração de um corpo. A voz do passado só ressoa para o ouvido alheio, próximo ou distante, mas possível, que a esperança realiza.

Agora na cidade havia auditório para escutar o poeta sertanejo; e curiosidade para estimulá-lo.

O tema, encurtado em cantigas, dilatou-se em poemas.

Não tinha Catullo precisão de modelo. Bastava-lhe contar o que vira, ouvira, cheirara, palpara e gostara no seu sertão distante. A condição do êxito era a espontaneidade e a harmonia da expressão e do tema: em suma que ele fosse em tudo sertanejo sincero. Convinha que ele esquecesse o que lhe tinha dado a civilização da cidade, e a cultura literária, com os seus

benefícios e sobretudo com os seus perigos de imitação e artificialismo.

Não conheço senão poucos versos dos que ele escreveu antes de *Meu sertão*. Não eram os versos da sua *poesia*. Esta revelou-se em toda a sua força e originalidade nos poemas *Quinca Micuá*, *O marroeiro*, *A promessa*, *A vaquejada*, *O cangaceiro*, *Terra caída*, daquele volume, e *A resposta de Geca-Tatú*, e *Braz Macacão*, deste novo livro.

A poesia de Catullo, produzida na plena conformidade do seu talento, é a narrativa dramática, e caracteriza-se pela perfeita objetivação. A pessoa do poeta se desvanece, e exemplifica bem o estado da inspiração poética, segundo a concebiam os gregos, o entusiasmo divino: o poeta age inconsciente sob o domínio da emoção. É um puro instrumento vibrátil, em que o som se forma por impulso exterior, adquire tonalidades que ele pela sua contextura lhe comunica, mas não anuncia na sua composição a qualidade material do mesmo instrumento.

Na voz de Catullo canta não a pessoa dele, mas o sertão e o sertanejo. A métrica do verso é, nem devia ser outra, a mesma redondilha que é o vagido poético do povo; a prosódia é também a do povo matuto, abreviada, abrandada e simplificada, quase dialetal. Podia, dentro do mesmo número de sílabas, ser grafada como a

linguagem comum; mas seria uma alteração da voz, do que Catullo foi um eco, e um transmissor orgânico; seria como exigir-se-lhe uma consciência de homem de cidade naquele estado de inconsciência inspirada.

Não lhe peçam ao poeta outra língua, nem explicação da sua poesia, nem lhe sugiram ou solicitem outros assuntos que não os da natureza e humanidade agreste do Brasil, nem outra forma que a da narração objetiva. Arriscar-se-iam a vê-lo diferente e menor, sem a originalidade espontânea, ao contrário contrafeito, canhestro ou artificioso. Cada poeta tem o seu talento peculiar e o seu gênero de criação; e ainda nesse gênero e com esse talento não existe continuidade de poesia, senão momentos de poesia, que não hão de ser buscados.

Contentemo-nos com a poesia de Catullo naquelas composições citadas; essa é a sua poesia, e é a grande poesia. Os temas que a originam são, como na grande poesia, as paixões humanas, o amor à mulher, raro contente, quase sempre desiludido, o sentimento religioso e o da honra, o cavalheirismo, a bravura, a tenacidade, o orgulho, a tristeza e a saudade. É em suma a alma humana tão vivamente dramatizada, que em cada situação, não importa o meio agreste em que ele se agita, parece caracterizar o homem na sua universalidade. A natureza não figura em

primeiro plano, como elemento descritivo principal; mas não se pode dizer que seja secundário, porque está essencialmente conjugada ao homem; é como a própria tinta que o contorna e lhe define os traços, a cor e os movimentos. Tem-se a impressão de que o poeta não descreve por palavras, senão que as próprias coisas e pessoas surgem vivas em imagens da natureza.

Num dos poemas deste livro, diz um violeiro da casa da mulher amada:

A casa onde ela morava
dava à gente uma alembrança
d'um brinquedo de criança.
N'ma biboca da serra,
bejada pulo um regato,
parecia aquela casa
uma frô feita de terra
sonhando dento dos mato.

O símile define a imaginação de Catullo. As suas imagens, nos seus grandes poemas, são assim: não deixam perceber nem lembrar o trabalho que as fez, nem as partes de que se compõem; parecem flores nativas da terra, desabrochando em todos os seus matizes e formas.

Essa é a imaginação genial do poeta; e dos poemas de Catullo se colheriam inúmeros e exemplos da definição de Wordsworth:

"A função peculiar da poesia, o seu emprego - peculiar, o seu privilégio e o seu dever, é tratar das coisas não como elas *são*, mas como elas *aparecem*; não como elas em si mesmas existem, mas como *parece* existirem aos *sentidos* e às *paixões*".

debaxo das asa verde
de uma jaboticabera
disfoiei toda a minh'arma
neste acalanto maguado.

Em um poema de humor diferente, quase satírico, o *Geca-Tatú*, diz a um político:

Vassuncê só abre o bico
pra cantá como um cancão
quando qué fazê seu ninho
nos gaio de uma inleição.

Imagens dessas não se premeditam, não se rebuscam, não se inventam em toda uma vida de espírito; porque nascem por si, sem esforço, são a própria linguagem de quem só percebe por imagem. Ali não há elaboração de raciocínio, nem análise; há transbordamento de sensações de sentidos que viveram concertamente a vida da natureza; há relâmpagos de gênio, que abrangem

e aclaram, associando-as n'um feixe de luz, distâncias intransponíveis ao olhar mais agudo e ao espírito mais célere.

Daí as sínteses que há em cada imagem: as transposições das propriedades das coisas que lhes dão mais realidade que na realidade; são golpes de luz que da confusão fazem irromper o tipo de beleza da verdade vivaz e único.

Não sei se um poeta genial, agreste como o sertão que o formou, precisa ser julgado sob o critério da arte. Há duas espécies de arte. Uma que se revela, cuidada, pontilhosa, trabalhosa, porfiada em aparecer elegante, sem jaça, sem defeito, medida; brilha, encanta, seduz mas acaba insinuando o cansaço do esforço em que se gerou; e transparece então o artifício que lhe fez o arcabouço e o semblante. Essa arte não a tem Catu1lo. A outra, irregular na aparência, desordenada, precipitada, descurada de pormenores, como é a arte da natureza, que não se detém na simetria das partes mínimas, nem alisa as superfícies, mas se funda na harmonia essencial; essa é a arte ingênita, a grande arte; e essa a possui Catullo. Revela-se na dramatização dos seus poemas, na narrativa direita e rápida, no movimento dos quadros, no talento da pintura e quase digo da escultura animada das pessoas e das coisas. Completo, perfeito em todas as partes de cada poema? Não, antes incompleto,

imperfeito em muitas partes dos seus poemas. Mas no fim de cada poema e ainda nas suas poesias menores, a impressão definitiva que ele nos deixa é a de um grande poeta e grande artista, como a natureza.

29 de Novembro de 1919.

MARIO DE ALENCAR.
(Da Academia de Letras).

A CATULLO CEARENSE

Houve um poeta uma vez, entre os que lembra a história
Da Provença de antiga e imorredoura glória,
Não menor que Bertrand, não menor que Berul.
A ciência do cantar, amada ao Norte e ao Sul,
A gaia-ciência amiga, amiga o festejara
Desde o berço, a infundir-lhe o jorro de luz clara,
Que é alma da poesia — espírito sutil —
Da doce língua d'oc e da áspera de oîl.

Ninguém tangeu, como ele, o mágico instrumento
E o fez melhor ouvir variado, ou no lamento
Do *descort* amoroso e soluçado *planh*,
Ou no gorjeio da *alba* — a canção da manhã.
Ninguém à sua dama entreteceu mais bela
A *chansô* respeitosa, ou, fiel, à *pastorela*,
trasladou mais sentida a queixa do zagal.

Era este trovador — *Catullo, o provençal*.
Não lhe vais procurar o nome entre outros nomes;
Tempo inútil assim em teu afã consomes.
Dele esqueceu-se a História, ou talvez o esqueceu
Para, em outra região, sob a luz de outro céu, —

Em outro poeta o lembrar, digno d'aqueles dias.
Esse outro poeta és tu, com as tuas harmonias,

Com o teu estro a vibrar nos violas do sertão,
Fazendo ao que te escuta ir-se a imaginação
Ao bom tempo feliz, ao bom tempo de outrora,
Ir-se o espírito além, além... por além fora,
Em que eu sei que cantava esse de nome igual
E gênio igual ao teu — *Catullo, o provençal*.

ALBERTO DE OLIVEIRA.
(Da Academia de Letras).

EM LOUVOR DE UM POETA

Catullo: muita vez penso que os leitores
Cheiram nossas monções e o olor das nossas flores,
Gozam nossos verões, escutam nossas fontes,
Vêem, à luz tropical, nossos céus, nossos montes,
Nossos rios caudais, marulhosos, bravios,
Penetrando no mar como nos outros rios,
Nossas selvas em flor, — toda a beleza ambiente
Que faz da nossa Terra o Éden do Continente.

A fortuna não quis contigo ser avara:
Teus versos têm calor, tua Musa depara
Sempre novos clarões, miragens resplandentes,
Outras formas verbais para tudo que sentes,
Expressões de impressões, em cujos lances passa,
Lírica e virginal, a alma da nossa Raça...

Se refletes assim, Catullo, a Natureza
Em seus tons, sua luz, sua cor e rudeza
Dos seus aspectos reais; se de alma ardente e inquieta
Dás às tuas criações teu coração de poeta,
Que pudera eu dizer de teu numen criador?
Que és feliz, tão feliz como o bom semeador!

Bem vês nas capitais, nas vilas, nas aldeias
Florir e frutecer tudo quanto semeias!

A. J. PEREIRA DA SILVA
(Da Academia de Letras)

NOTA PRÉVIA

Embora soubesse e pudesse escrever os seus versos em português, entendeu Catullo Cearense conservar-lhe a ingenuidade nativa nas palavras rudes e simples, imprevistas e encantadoras, como os diriam os sertanejos, que lhe emprestaram o coração e alma, com que os fez.

Na "bibliografia" da *Revista do Brasil*, página 638 do vol. IV, de 1918, a questão foi suscitada:

> "A publicação das poesias de Catullo Cearense põe de pé uma interessante questão: É possível aceitar, como língua, na qual se vazem versos, o modo de falar do caboclo? Cremos que não, porque tal modo de falar não é sequer um dialeto e sim mera corrupção do dialeto brasileiro. A língua portuguesa, transplantada para o Brasil, sofreu a evolução lógica determinada pelo meio ambiente e pelos meios raciais que fermentam a salada brasileira. O dialeto está aí, patente, irrefragável, com modificações sintáxicas, com um enorme vocabulário novo, com

modismos e idiotismos, que só eles conseguem expressar as coisas e sentimentos novos peculiares à nossa terra. Mas esse dialeto é uma coisa e é outra coisa a corruptela desse dialeto pela boca do caboclo.

Pensando assim, lamentamos que o grande, o maior poeta deste país; o poeta-poeta, o poeta cujas composições feitas em música vivem de norte a sul cantadas por todas as bocas, despertando em todos os peitos as mais suaves emoções, não tenha escrito o seu livro em *nossa* língua, a língua brasileira, filha da portuguesa. Escolheu para isso em vez do nosso dialeto, a corruptela cabocla, como poderia ter escolhido a corruptela do grego, do italiano, do turco. Fez assim um livro que não se dirige a nós brasileiros que lemos e sentimos, mas apenas ao resíduo racial que vegeta nos sertões e que não o lerá nunca, porque é analfabeto.

Se Catullo traduzir seus versos em nossa língua, não receamos afirmá-lo, fará uma obra que marcará época, criará escola, determinará correntes. Está nas suas mãos ser apenas um poeta caipira ou ser o maior poeta popular do Brasil."

Como resistir a tais argumentos, sobretudo a esta promessa última, quando conceitos dessa ordem partem da pena consagrada de Monteiro Lobato?

Só pedindo amparo a outra autoridade, a de José Oiticica, crítico e filólogo, que, precisamente sobre este tema, assim se externou:

> "Catullo... fez-se, ele mesmo, cangaceiro, marroeiro, lenhador, passador de gado, adotou o semi-dialeto sertanista com uma justeza raras vezes claudicante. O sabor que nos advém desse processo é delicioso. *Seu livro perderia cinqüenta por cento se fora escrito em "língua de branco"*.
>
> "O livro de Catullo é preciosíssimo para a filologia brasileira. Vai ficar como livro clássico, manancial de exemplos para o futuro grande dicionário da língua portuguesa, onde se consignarão, com a frase abonatória, os muitíssimos vocábulos de nossa terra. Firmando-se em livro, firmam-se no léxico.
>
> Demais, a transcrição fonética do linguajar caipira é o texto exato para documentação da morfologia dialetal brasileira, instrumento indispensável aos lingüistas que ali estudarão as

> corruptelas, os arcaísmos, as transformações fonéticas do idioma, as influências várias do africano e do tupi". (*A Rua*, 27 julho 1919.)

Catullo Cearense só desejava dar razão aos dois... pois que escreveu poemas em português correto e em dialeto sertanejo.

O EDITOR.

O SONHO

O SONHO

A Henrique Perez Machado.

Poetas! Vou contar-vos um sonho, em que, n'um surto espiritual, me transportei ao sertão, onde nasci. A noite era de plenilúnio. Bebendo os mistérios da lua pelas mãos da saudade dos 25 anos de ausência, ali, no regaço das matas indomésticas, entrei a cantar os versos que escrevi a essa Virgem Maria dos trovadores, a lua. Sentia-me opulento, mil vezes milionário, porque me encontrava, outra vez, no coração do meu palácio de folhas. E eu cantava — "Não há, ó gente, oh, não, luar, como esse do sertão", — quando um velho jequitibá, onde outr'ora me encostava para conversar com os pássaros errantes, começou a falar assim:

"Quem te deu o direito de violar o silêncio desta noite misericordiosa?! Que vens aqui fazer nestas soledades, onde, depois de teres sido confidente de nossos melindres, já foste amaldiçoado pelos nossos corações?! Não nos pertences mais. O teu estro está eivado de civilização. Não esperes que amanheça. Se estas

fontes, estas lagoas, estes plumitivos e estas árvores te virem, te esmagarão sob o guante do seu escárnio, porque, ainda que sofresses cem anos, não lavarias as máculas do teu crime nefário. Eu, Imperador destes vegetais, falo por toda a Natureza. Fita a lua. O seu brial argênteo enturvou-se. Como agradecer-te as estrofes que lhe fizeste, se as ofereceste à maldita civilização? A lua sertaneja não é a lua das cidades. Esse canto religioso era nosso: só devera ser vibrado nestas catedrais de verdura. Porque foste falar dos trinos de um sabiá, pelas Avenidas infernais, onde só se ouve a algazarra dos categorias e o grito estúpido dos automóveis fumarentos?! Porque fostes desbriar as cordas de urna viola serrana e os desafios agrestes dos caboclos namorados?! Porque atirar ao riso alvar das turbas desumanamente civilizadas, a virgindade moral de um cangaceiro, que respeita a honra de uma mulher, como eu respeito o pundonor lunar, que se velou sob o lemiste de uma nuvem, para que não gozes mais da sua luminosidade?!

Porque andaste pelas sentinas dos teatros, ridicularizando a paixão de um marroeiro, selvagem, mas formosa, como este amor que me estremece o caule e o diadema dos meus ramos, quando avisto a lucilação da estrela, que é o sonho dourado das manhãs?! Porque andas, como um palhaço, provocando a hilaridade aristocrática dos salões, que não te pode

entender, falando do heroísmo e abnegação do rude campeiro, que sacrifica as suas afeições profundas e a glória de um triunfo, pelo amor super-humano que consagra ao seu cavalo, que não trocaria por todos os sábios, por todos os doutores, por todos os poetas do mundo?! Que teatro te pode apresentar o espetáculo deste céu alfinetado de estrelas?

Que cenário mais sublime e trágico que uma noite de tempestade, em que eu recito os meus poemas vegetais, gesticulando com estes braços verdes, acompanhado pelos saltérios e alaúdes dos ventos solitários?! Em que avenidas contemplarias manhãs mais célicas, mais sonoras, mais harmônicas, do que estas manhãs sertanejas, sob cujas celestinagens o sabiá despetala, do seu ninho, o Hino Brasileiro das Selvas? — Que cinematógrafo mais encantador que a pintura destas florestas polifônicas?! Olha para mim! Ainda estou na primavera do envelhecer! Sou, como era, a mesma taça de esmeralda, em que a noite derrama os miosotes do sereno, para que o sol se refrigere, ao despontar.

Já não podes compreender a alegria de uma árvore, quando, sobre as verdes ilusões da sua copa verde, um pássaro de vestes multicolores vem descansar, ao fenecer da tarde, para musicar a melancolia do crepúsculo! Assim como também

já não te é dado interpretar a mágoa desse menestrel florestal, quando se sente preso, não nas grades de uma gaiola, mas no ergástulo frio dos versos de um poeta, como tu, que despreza a liberdade, a generosidade ancestral das matas e os ancenúbios destas madrugadas, para se fazer um versejador vulgar da civilização, que tudo empequenece! Filosofia, Arte, Música, Escultura e Poesia, só há na Natureza. Filosofia — na austeridade das noites tempestuosas e das árvores hercúleas, como eu! Arte — na feitura destes ninhos, na constituição destas flores libertas! Música — na música das aves e das cachoeiras, e na que palpita nas artérias deste silêncio farfalhante e no claror da lua, espumando as suas ondas de leite no diadema esmeraldino destes arvoredos!

Escultura — no conspecto destes arvoredos! E Poesia — na que Deus escreve no palimpsesto deste firmamento, com a tinta fulva das estrelas e na que o sol declama, quando surge no horizonte, como um penacho de luz, varrendo as trevas! Vai! Já não nos pertences mais! Réprobo! Já não sabes tanger n'uma viola uma oração de sons, que se derramem pelos altares da noite! Já não sabes abraçar teu instrumento, como um rio, docemente rumoroso, abraça as suas duas margens viridentes! Tu não traduzes nos teus cantos a alegria das trevas e a tristeza da luz! Lá, onde vives, passas as noites pelas ruas, nos

pandemônios orgíacos, nas estribarias da matéria, mas já não sabes cair nos braços do silêncio, entoando uma canção, ungida pelo óleo luminoso da lua enamorada! Vai! Retira-te!

Com os teus olhos de bípede civilizado não podes ver o que eu vejo agora, para aquelas bandas do Nascente! Já começo a sentir no arminho das minhas folhas a blandícia dos cristais da Anunciação da Alvorada! Olha para aqueles montes, que, com as primícias do dilúculo, já distinguirás as silhuetas daquelas árvores, enfileiradas, como uma visão de crucifixos!!

A manhã vai despertar e é conveniente que ela não te encontre aqui, sob a proteção dos meus ramos!

A alvorada do sertão te odeia!

Nunca te lembraste dela, que tanto te inspirava! Ela está enciumada! Cantaste a noite de luar e esqueceste-a! Vai, miserável!

Porque não nos ofereceste o livro que publicaste, como era do teu dever e gratidão?! Os poetas e os literatos de lá te consideram um réles modinheiro, um capadócio de insípidas serenatas! Fomos vingados.

Se estivesses entre nós, serias hoje um sabiá honorário, e o teu livro já teria sido laureado pelos aplausos de toda a Natureza!

Retira-te! Não tarda o sol destramar-se da crisálida do Nascente, como uma borboleta de fogo, para esvoaçar pela febre azul deste firmamento!”

E calou-se. Longe, muito longe, os galos preludiavam! A passarada começava a ensaiar os seus modilhos, para a recepção lírica da irmã das noites enluaradas!

Era Ela! Era a Alvorada do sertão, que há 25 anos eu não via!

Osculando o tronco do filósofo das matas e desfiando dos olhos as violetas brancas da compunção e arrependimento, assim lhe disse:

— “Pode toda a alma do sertão, falando pela tua boca, expulsar-me para sempre do seu convívio, se pequei. Mas concede-me a dulcíssima graça de saudar, pela última vez, a alvorada que já se desfolha!”

E, como o silêncio do velho jequitibá era a manifestação do seu consentimento, dedilhando as cordas da minha viola, ajoelhado e com os olhos florescidos de lágrimas, comecei a cantar:

ALVORADA DO SERTÃO

Ao maestro Vila-Lobos.

(Estribilho)
“Recorda, coração,
as manhãs claras
do sertão!!

Ai!... Quanta dor
brota do amor
da luz nascente,
misericordiosissimamente,
ó meu coração!!!

A alma de Deus é que resplende,
extasiada,
sobre a luz crucificada
da manhã do meu sertão.

Ai!... Quanta luz!...
Quanta tristeza harmonizada,
no sertão, n’uma alvorada,
lentejada
de cristais!
A natureza. acorda em festas
lacrimosas,

vendo Deus queimando
as rosas
dos sertões celestiais.

Se as noites lindas de luar,
se as noites calmas,
abrem n'alma
a flor das almas,
que se diz — Recordação —
essas manhãs,
que são crisálidas do dia,
são as rosas da agonia
do prazer do coração.

Se a voz do galo, que as tristezas
insinua,
é a própria alma da lua,
no seu canto, a soluçar,
quando amanhece,
é um hino muito mais bonito,
porque a voz do galo é o grito
lá do sol, que vai brotar.

Se o galo canta à luz da lua
sertaneja,
que o sertão todo alvoreja,
lá nos céus, a resplender,
é tão somente, com saudade
da alvorada,
da manhã fresca e rosada,

que tomara já nascer.

No altar azul do lacrimal
das noites belas,
há no céu festas de estrelas,
festas brancas de luar!

Mas, finda a noite,
vai a terra despertando,
e o sertão desabrochando
n'uma flor crepuscular.

Ai!... Quem nos dera,
quando fosse alvorecendo,
Deus parasse o sol nascendo,
não deixasse o sol nascer!
Porque a manhã cá do sertão,
quando alvorece, é tão alva que parece
que é o luar do amanhecer!

Hora gloriosa
dos amores
e das flores
e dos pássaros cantores,
tão saudosa e tão louçã!
Hora dileta,
em que Deos foi mais poeta!
Predileta
da Poesia!
Ave Maria

da Manhã!!

Noiva do Sol!
Irmã das noites argentadas,
que me dás bênçãos douradas
com tuas mãos de rosicler!
Manhã,
que nasces, prometendo
a Eternidade,
e nos deixas, sem piedade,
tal e qual uma mulher!

Se Deus me ouvisse com amor
e caridade,
me faria esta vontade,
que é o meu único ideal!...
Quando a manhã no meu sertão
fosse nascendo,
eu também fosse morrendo,
como a Estrela Matinal!..."

E acordei.

A música destes versos é da autoria
de João Pernambuco

JOÃO BRANCO NA CAPITAL

JOÃO BRANCO, sertanejo como Chico Mironga, vem à Capital Federal, para desmentir as impressões pessimistas que o seu companheiro d'aqui levou. Voltando ao sertão no fim de três meses, vai agora, entre os seus, confirmá-las, acrescentando que a coisa é pior. Este poema é uma como continuação do *Passador de Gado*, que se encontra no meu primeiro livro — *Meu Sertão*.

JOÃO BRANCO NA CAPITAL

A Enéas Cardoso de Castro e José Tiburcio Gonçalves Camaz.

Minha gente! Prú piadade!
Não me obriga a falá, não!
O nosso Chico Mironga,
esse bicho mintiroso,
desta vez teve rezão.

Ele não disse a metade
do que enxergou, Zê Piancó!
Prú Santo Onofre, eu te juro
que a coisa é munto pió!

Mané Joaquim, minha boca
nem tudo póde dizê!...
Eu vi tudo cum estes óio,
que a terra tem de comê.

Logo no prêmêro dia
que lá cheguei, fui robádo
no dinhêro que eu levava,

cum tanto suó ganhado,
c'uma inxada trabaiando
na prantação do roçado.

Prá fazé minha viage,
tu sabe, Chico Francisco,
que eu vendi minha maiada,
toda a criação miúnça
e o meu cavalo o *Curisco*.

Só dêspois de tê caído
na mardita da candonga,
é que me isbarrei na Côrte
cum o cumpade do Mironga.

Aqui, no nosso sertão,
tem munto cabra ladrão.

Os ladrão destas parage
vem da canáia ruim,
mas porêm, óia, na Côrte,
a coisa não é ansim.

Eu não sabia que os hôme
mais mió e arrespeitado
era os ladrão lá das terra
dos hôme cirvilizado.

Óia: o que eu li tôu dizendo,
se quizê, póde inscrevê.

Cumade!... Nem que vancê
assuntasse um ano intêro,
nunca havéra de dizê
quem me róbou meu dinhêro!!

Fiquei de boca prô á,
quando eu vi no outro dia
a cara do Cundurú
pubricada nos jorná.

Pulas praga que eu roguei,
esse hôme, que me impuiou,
tem de pagá munto caro!
Vancê qué sabê quem foi
que me róbou?!

Um *vigáro*!!!

Um hôme que a gente bêja,
quando ouve missa, na Ingrêja!!!!
Leve a bréca, meu cumpade,
a tá cirvilização!

Apois o sinhô vigáro
todo o dia tá robando,
e nunca váe prá prizão.

Óia aqui, Mané Bijú!
Não é prú querê falá:

a Côrte, essa Capitá,
pissúe muntas Avinida
de terra e de bêra-má;

tem casa que um hôme leva
um dia intêro a atrepá!

A casa do Perzidente,
a Bibrotéca, o Manrôido,
o Triato Municipá,
tem munta coisa de lunxo,
munta coisa prá si oiá.

Mas porêm tem munto cabra
que anda sempe na Avinida,
nos ôtrómóve ou de pé,
que passa o dia intêrinho
cum uma chica de café!

Vancê tá vendo acolá
um cabra sarambelão,
c'uma camisa arrufada,
uma gruvata pintada,
cum o chapéu sempe na mão,
fazendo prá todo o mundo
uma cumprimentação,
cum os braço aberto e bufando,
que inté parece um pavão?

Um sarará que se dana,

quando vê uma muié,
e váe atraz, no sucáro,
cumo mosca, quando sente
o chêro fresco de mé!?...

Apois bem. Vire o candimba
cum a focinhêra prô chão,
que não cáe daqueles bôrso
nem um nike de tostão.

Nos suburbo, inté parece
que as criancinha não côme!

De tarde, pulas varêda,
vortando do seu trabáio,
eu via passá uns hôme,
que lá se chama — operáio,
pruquê tem cara de fome.

Manzombêra, isfabriçada,
eu não sei que gente é aquela,
que tem os óio tão triste
e a cara toda amarela.

Lá nas rua, nas istrada,
andaiulo tudo prú junto,
vancê não isfréga um ôio,
sem vê passá um trambôio,
uma carroça dourada,
que váe levando um difunto.

Dento da carangajóla
váe o sinhô operáio,
puxado prú dois burrico!
E o carro todo infrorado,
prú seis cavalo puzado,
leva o doutô, o hôme rico!

O cadáve do difunto,
ansim, n'um baú fechado,

váe caminhandó, acóxádo,
prô rancho do çumitéro,
dento de cinco parêde.

Cumpade! Viva os sarváge,
que faz a úrtima viage,
no balanço d'uma rêde, (1)
sintindo o bêjo dos mato,
e as pizada do regato,
que segue a gente cum mágua,
cumo se fosse um caminho
que váe andando, sozinho,
cum as areia feita d'água!...

De vez imquando iscutando
uma viola saluçando!...
Pulos uvido bebendo
o adeus da tarde morrendo,
no biquinho d'um xenxéu!...

Cumo o Isprito, de aza sôrta,
suas pena sacudindo,
váe cantando, váe se rindo,
váe assubindo, assubindo,
cumo um pásso, lá prô céo!

E os doutô tá lá dizendo,
na Côrte, pulos jorná,
que os sertão da nossa terra
não é mais que um hospitá!

Esses doutô dislambido
anda a inventá tanta coisa,
que inté faz raiva na gente!!

Que diabo é crislóstómóge,
diambéta, trumberculóge?!
Quanta porquêra, cumade!!
Quanta palava indecente!!

Pra dizê que meu cumpade
tem nos pé uma friêra,
os doutô enche três livro,
que eu não sei donde esses hôme
váe buscá tanta bestêra.

Manué Brejó, d'uma feita,
quage morri d'uma dô!!
O cumpade do Mironga
mandou chamá um doutô.

Parando um carro na porta,
um Dunga desapióu,
e dênde as unhas dos pé
Ínté a raiz do quêngo,
todo o corpo me parpôu.

Despois, disse prôs de casa
que eu táva munto im pirigo:
que eu tinha uma hôpantite,
aqui, na boca do figo.

Tirou do borso uma pena,
e um papêu todo inteirinho
o diabo iscarafunchou.

Quando eu uvi, meu cumpade,
todo o nome das mêzinha
que o diacho me arreceitou,
eu não senti mais a dô!

Mandei buscá lá na venda
um *contra* de manduréba,
e o seu Chico Pé de Chumbo
n'um instantinho me curou!

Tudo lá fala de nós,
dizendo que os nossos fio,
perciza de se curá.

Mas porêm, cumpade, a Côrte
é que é mêmo um hospitá!
Se vancê passá nas rua
a cinco hora, cumade,
vancê só vê as criança,
os moço, as moça, os perrengue,
e as muié tomando chá!

Os fio cá destas banda,
que tem muque e sangue quente,
não sabe que coisa é chá,
senão quando tá duente.

Tando na Côrte três mez,
só fui no triato uma vez,
prú via de Dizidéro
um dia me agaranti
que os tá de atô nessa noite
ia falá no triato
destas terra onde eu nasci.

Fui no triato. Apois não!
Ai!... Quanta sastifação
eu havéra de sinti,
vendo os atô, esses hôme
falando do meu sertão!

Mas porêm, que mardição!

Deos do céo nunca aprêmita

que vancés vêje a porquêra
dessa xêta que uvi.

Os inscritô e os atô
pensa lá que os sertanejo
só nasceu prá fazê ri!

Sô mêmo um taparambé
inscrevia aquelas coisa
da nossa terra querida.

Foi tarvez um bacharé,
que do sertão só conhece
as modas lá da avinida.

Quando eu vi dois bobaião,
vestido de sertanejo,
prá cantá n'uma tuada,
cumo o Chico da Boiada
canta aqui cum o Zé Grotão,
eu gritei: — isso é mintira!!

— Fóra!... Fóra os inscritô!!
— É pena aqui nestas mão
— não tê um chiqueradô!
— Se eu tivesse um pêia-boi,
— eu derreava esses hôme,
— todos esses instrangêro,
— prá amostrá que não se brinca
— cum um cabôco rebingudo,

— que não conhece o arfabéto,
— mas porêm que é brasilêro! —

Cumpade — Quanta mardade!
Cumade! — Que farsidade!

O Bêra d'Água, o Aruêra,
O Pedro Caxinguelê,
o Venanço, o Zé Curinga,
a Mariquinha Sapê,
diz tanto verso bunito
e nunca prendêu a lê!

Meu cumpade: a Natureza
é uma carta de A. B. C.!!!!

A poesia dos doutô
desses poeta lá da Côrte,
tá cheia de palavrão,
mas porêm não vale nada!...
É uma coisa atrapaiada!...
É uma atrapaiação.

É verso só de cabeça
Não é cumo os pé de verso
desses cabra d'aqui, não.

O verso aqui do sertão
é uma bêja-frô que se sente
saí da boca da gente,

cum as penuginha inda quente
do ninho do coração.

Mas porêm... Vamo ao triato,
que o caso inda não findou.

Quando o triato acabou,
im riba d'um cambaróte
bateu as aza um frangote,
um cara de bacuri,
prá dizê uma poesia,
c'uma musga sertaneja,
cum o nome de *Suvení*.

Ah, cumade! Ah! meu cumpade!
Quando o amigo Dizidéro
me disse que *Suvení*
era o memo que — Sôdade, —
eu não sei o que sinti!

Gritei cum todo o talento
que ele não dissesse os verso,
imquanto eu tivésse ali!!
Que era uma pouca vrégonha!
Que eu era um hôme de idade,
e fio aqui do Brazi,
e nunca incontrei um cabra
que dissesse que Sôdade
pudia sê — *Suvení*!!!
Esta palavra fermosa

que minha mãe carinhosa,
quando se foi prô outro mundo
n'um bêjo deixou-me aqui!

— Canáia! — entonce gritei!...
Fiz cum as mão um dizafôro!
Butei o chapéu de couro
e logo me arritirei!!

Não falo a vancês das moda,
pruquê só vendo cum os óio,
é possive creditá!

Toda a muié praciana
leva im riba da cabeça,
cumo chapéu, um jacá.

Óia!... Apois se vancês visse
    as muié cumo se veste,
    lá naquela infernação,
    vancês ria, ria tanto,
    de arrebentá os purmão.

O'xênte!... Daquelas moda
é mió não dizê nada!
As cabôca sertaneja
não deve sabê das coisa
daquela gente inducada.

Abasta eu dizê, somentes,

que um dia eu vi na Avinida
uma praciana vestida
c'um pano feito de escuma,
mais fino do que uma papêu,
carregando na cabeça
uma galinha arripiada,
batendo as aza, espetada
no topéte do chapêu!!

Cumpade Zé Pernambuco!...
O carnavá lá na Côrte
é o dia que o Capirôto
fez prá festa dos maluco.
A gente vê tanta coisa,
tanta coisa a gente vê,
que inté a gente não sabe
o que a gente há de fazê.

N'outros tempo esse forguêdo
não passava de três dia...
Era três dia e três noite
prôs diabo andá no bruxedo
cum toda a sarvajaria.

Mas porém o que eu achei,
que não tá muito dêrêito,
era a farta de arrespeito
daquela gente assanhada,
que eu não sei pruquê rézão,
andava pula Avinida,

cantando as nossas tuáda!

Magine agora vancê
o canto d'um camboêro
na boca daqueles hôme,
que inté parece instrangéro!

Nós nasceu cá no Brasil!...
Quérêmo sê brasilêro!
Nós é burro, meu cumpade!
Nós fala cumo Deos qué!
A cantiga é brasilêra,
cumo a casa de sapé!

Nós canta im frente da trópa!

A gente chóra nas corda,
cantando a dô, a alegria,
sem precizá da instruvanca
das língua dessas Oropa.

Eles se ri, ri de nós,
pruquê tem a boca cheia!

Um hôme lá da Avinida
não fala cinco minuto,
sem mexê na lingua aléia!

Quágue ceguei destes óio,
quando levei a insguincha

d’um tá de lança préfume,
que, é um canudo de tabóca,
cheio de cachaça quente,
que, ao despois, dêxa na gente
um chêro frio, um cheirinho,
taliquá galinha chóca.

Tem três Assuciedade
o Carnavá, meu cumpade:
— Os Tenente prôs Diabo,
— Os Ferniano, os Dêmóscráta
e inda purriba os cordão.
    Óia: eu falo cum leardade:
    não gosto daquilo, não.

Minha cumade adiscurpe,
se eu dissé que uma muié,
num giráu, que ia rodando,
im riba d’um carro, óiando
só prá mim, que táva ali,
    sem vrégonha e sem sabe
    se era sortêro ou casado,
    me pinxou com os dêdo um bêjo
    e, despois, se pôs-se a ri!

Muié de cara lambida,
cumo aquela, eu nunca vi!

Cumpade, as coisa que eu vi
no diabo do carnavá,

mêmo eu sendo seu cumpade,
me invrégônho de contá!

D'uma feita, eu fui na casa
do seu doutô dos fonósgo,
um cara de jaboti.

Eu fui cum ele assuntá
prá sabê se ele queria
umas tuada me uvi,
e despois butá na róda,
inscrevê no prato preto
uns acalanto de viola
do Cantadô Bemtivi.

Esse hôme que troca língua
cum as arma lá do outro mundo,
e intende aquele fardunço,
foi buscá uma rodela
d'um cantadô das instranja,
que lá se chama: Carunço.

O prato pôs-se a rodá,
e o Carunço abriu a guéla,
que a gente uvindo o turéba,
é cumo se a gente uvisse
os grito das araponga
e a passarada a gritá!

Quando o Carunço acabou,

ânte de eu me arritirá,
eu disse prô doutô Figar
que o cabra tinha purmão,
mas porêm que era perciso
vim aprendê cum os violêro
e os cantadô do sertão!

Eu disse prô sinhô Figar
que ele mandasse o tenô
lá das instranja prá cá,
prá vim prendê a cantá
cum os mais grande cantadô:
— cum o Juca Chiqueradô,
— cum o Bernardino Cabaça,
— cum o Antonio Pedro Cachaça,
— cum o Chico e o José Chicão —
e, despois, que ele vinhésse
um dia aqui, no sertão,
somentes prá ele iscutá,
n'uma noite de luá,
de um luá cheio de ouro,
esse Carunço danado,
vestido todo de couro,
c'uma aguiada na mão,
n'um acalanto chorado,
cantando e tangendo o gado,
na frente do boiadão.

Saí sem dizê mais nada
e inté agora eu não sei

se o Figar me deu rézão.

Manué Joaquim, ouve lá.
Tem lá na Côrte uma casa,
que se chama Acardemia,
e é onde os hôme se ajunta
prá cantá suas poesia.

Ora, agora vêjé bem.
Sabendo já, seu Joaquim,
que a Acardemia era ansim,
butei as véstia de couro,
e, cum meu *pinho* matêro,
n'um dia de ajuntamento,
fui vê os meus cumpanhêro.

A casa da Acardemia
é taliquá uma casa
de Fazenda ou mió, de Ingenho,
que é cumo se diz no Norte.

O cumpade do Mirônga
me disse que todo o hôme
que um dia tivé a sorte
de intrá nesse Côpiá,

perde o nome de báutismo,
prá ficá sendo chamado: —
Sinhô Doutô Imortá!

Eu jurgava, meu cumpade,
que ali só ia incontrá
Os hôme que faz poesia,
que faz históra bonita
e que inscrêve nos jorná.

Mas porém, quá, meu amigo!
A casa táva crivada
dos doutô que não inscrêve,
que só prendêu a curá,
dos hôme que faz estrada,
dos outro que faz as lêzes,
e um bando de generá!!

Despois eu súbe, cumpade...
Ói só!... Parece incrive
que ali, no meio dos hôme
de intiligença e cachóla,
só tinha um, um somentes,
que gemia n'uma gaita
e puntiava na viola!!

É um cabôco surungánga,
um cabra dizimbambado,
c'uma cabeça de arára,
uns bigode isporeado,
uns óio de onça veadêra,
que tu parece tá vendo
o namorado da Rosa.
— o Antonio das Cuviêra.

Sube despois que esse Cabra
tem munta coisa inscrivido
cá do sertão... Sim, sinhô!
Dizidéro leu prá mim
uma históra, onde ele conta
que andava fazendo cêra
prá menina da Fazenda,
que li tinha munto amô,
e que, despois, n'uma tarde,
prú via lá dos páe dela,
dexando o Cabra incruado,
bateu aza lá do Ingenho
e nunca mais lá vortou![*]

Dizidéro táva lendo
e eu táva uvindo e chorando,
gostando daquelas coisa
que fala aqui destes mato!

O'xente!... Eu juro a vancês
que esse poeta mandronguêro
tem pauta com o Pé de Pato!

Eu só queria, cumade,
que vancê uvisse a históra,
que ele inscreveu prás parmêra!!
Não sei lá se ele é doutô...
Só sube que ele é chamado
seu Arbérto de Olivêra.

Faz gosto a gente iscutá!!
Os verso daquele hôme
canta no uvido da gente,
que inté parece que o diabo
é fio de sabiá!!

Mas porêm aquelas coisa
que eu não podia intendê,
(Que pena!!) táva inscrivida
na língua dos Imortá!

Se esse hôme da Acardemia
vinhésse entonce prá cá,
e visse um dia sambá
o Antonio das Cuviêra
n'um samba, n'uma fonção,
Seu Arbérto de Olivêra
o mais grande dos violêro
seria o maió campêro
das mata deste sertão!

Cumpade!... Vancê qué vê
o que aqueles hôme é?!
    Dêxe vê uma pitada
    do seu chêroso rapé.

Ói... Lá, na Acardemia,
tem munto taquarambó
que nunca pegou na pena

prá inscrevê um livro só!

Apois um hôme, cumpade,
um tá de Francisco Arve
lá da rua do Ouvidô,
que inscreveu aquilo tudo:
— um casarão que tá cheio
só de livro, sim, sinhô!...
Esse grande sabedô!!
Esse sábium que dêxou
tudo quanto ele ganhou
prôs Imortá, prôs doutô!...
O mió dos inscritô,
Que inscreveu tanta ciença,
toda aquela livraria,
    morreu, cumo um animá,
    cumo um burro, que é mortá,
    sem intrá prá Acardemia!!

Eu queria intrá na Casa
ao mêno uma vez, (oxênte!!...)
prá sabê se era verdade
que eu ficava prá semente!

Uvindo essas coisa toda,
que Dizidéro falou,
o seu cumpade João Branco,
distemperando a viola,
não quis intrá!!! Não introu!

Agora eu quero falá
d'uns hôme chamado *Estáta*,
que anda ispaiádo prú lá.

No campo de São Francisco,
vi um sinhô muito séro,
Chamado Zé Bunifaço,
hôme de munta honradez,
que pula cara se vê-se
que ele só véve assuntando
nas bestêra que ele fez.

Ora vêje vasmincê:
esse sinhô Bunifaço
foi feito estata pruquê
foi ele quem ensinou
o segundo Imperadô
a inscrevê e lê purriba
n'uma carta de A. B. C.!!

Mas porêm aquele véio,
virado sempre prá um lado,
c'uma cara de filósgo
e um óiá de Cantadô,
é um veiacão, meu cumpade,
que finge que tá pensando,
e só leva oiando, oiando,
prá vê as meia de cô
das muié que vae passando
pula rua do Ouvidô.

No outro Campo do Rucio,
vi o Reis Pedro Prêmêro,
remunhetando, atrepado
n'um alazão passarinheiro.
O cabra já tá quêmado
do só que leva nas fuça
toda hora... o dia intêro.

Fiquei cum pena do Pedro!

Mas porém, quando assubia
prá li butá na cabeça,
o meu chapéu de tropêro,
o Pedro, que tá cansado
de tê o braço de pé,
    gritou, de riba prá báxo,
    que eu me vi quage intramado
    lá no meio dos sarvage,
    das onça, dos caitetú,
    das anta e dos jacaré.

Cumo esse Rêis discarado,
esse cara de timbú,
consente que aqueles bruto
têje ali n'um arraiá,
cumo eles vêve nos mato,
sem vregônha, quage nú?!

Os sinhô cirvilizado

póde dizê que isto tudo
tá munto bão, tá dêreito!
    Mas porém aquilo tudo
    é uma patifaria!...

Deos me livre que a muié,
visse aquela barbaria,
que é uma farta de arrespeito.

Eu fugia dos sarváge
que me queria fisgá,
quando adiente isbarrei
c'um o diabo d'um assassino
e cumecei a gritá:
— Ai Socorro! Aqui, del rei!

Era um tapúia, um cafuzo,
cum os dois óio tão vrémêio,
que parecia cravão!

    Eu não sei cumo a Poliça
    deixa ali aquele hôme
    cum aquele quicé na mão!

É o tá de Seu João Caetano,
um capanga, um valentão.

Se esse bicho é mêmo bão,
pruquê não vem o perrêngue
cum aquele caxêrenguêngue

pra aqui, prô nosso sertão,
brincá cum o Luca, o João Féra,
ou cum o Zé do Cacimbão?!

Sêje prú via somentes
d'arguma grande lôuquêra,
sêje pulas bebedêra...
    (apois que ele tá cercado
    dos brutiquim dos café...)
ou sêje pulo chamêgo
de toda aquelas muié,
    a Poliça já devia
    tê d'ali iscurraçado
    esse bicho arriliado,
    esse hôme provocadô,
    que Dizidéro me disse
    que tômbêm era um atô.

A não sê Pedro Prêmêro,
inda tem dois Rêis pequeno,
que se chama — marechá
qué dizê dois *milita*.

O Osóro, que é um generá,
que é o terrô dos paraguáia,
tá iscanchado n'um cavalo,
prá cá da bêra da praia.

No seu piquira amuntado
parece, ansim, afobado

que ainda tá na batáia.

O Caxia, outro guerrêro,
c'umas prósa de campêro,
tá no Campo do Machado,
    atrepado n'um bezêrro,
    que inté parece um viado.

Quando de noite o Caxia
rasgando os purmão de ferro,
diz: — Osóro!... O que háy prú lá?! —
O Osóro, o outro valente,
que tá sempre de vigia,
arresponde: Não háy nada!
Tôu vendo só, seu Caxia,
cumo faz sôdade a gente
uma noite de luá!!

Ambos os dois lá se intende,
que um e outro é marechá.

Do lado, num jardinzinho,
tá um hôme, sem pangaré,
um sinhô que foi ministo,
e que morreu tendo só
nos bôrso quatro mir ré!

Morreu moço e munto cedo
esse hôme que se chamava
— Seu Bruaque de Macedo.

Só prú via desse moço
tê morrido ansim tão pobre,
sendo um ministo, que é um hôme,
que, se é bom repubricano,
fica rico n'um instante,
    se eu fôsse o seu Perzidente,
    im vez de ferro ou de bronze,
    ele havéra de sê feito
    todo de ouro e de briante,

Vi tombêm um outro sábium,
um patrão munto de bem,
que deu cabo d'uns bichinho
e despois morreu tombêm.

O doutô tá c'uma cara
e c'uma filuzustria
de quem tá memo a pensá.

Me disséro que esse sábium
foi o Osóro dos mosquito,
dos maruim, das muriçoca,
vencendo tudo na guerra,
cumo um grande generá!

(Não é só nós, Zé Lourenço,
que véve só n'um hospitá!)

Apois bem. Naquela noite,

indo drumi no suburbo,
que é mió prá se drumi,
passei a noite intêrinha,
cum os dois óio arregalado,
uvindo os mardiçuádo,
que é pió do que os d'aqui!

O que eu digo, Zé Lourenço,
e vancê póde dizê,
é que a Côrte da Repubrica
tem maruim cumo quê!...

N'um campinho... (agora o nome
é que eu não posso alembrá...)
vi um sinhô Consêiêro,
chamado: Zé de Alencá.

Abasta óiá prô cabôco,
prá gente dizê que o bicho
é fio do Ceará!

Munto a seu gosto assentado,
n'um caçuá imborcado,
e um papéu n'uma das mão,
véve inscrevendo umas coisa,
uma históra tão bunita,
que fala aqui das cabôca
e dos cabra valentão.

Aquele é hôme do Norte!

Não é cá de novidade!
E quarqué dia, cumpade,
o Conseiêro, apois não,
prá ficá mais à vontade,
tira as botas e o casacão,
e fica ali de ciloura,
cumo andava lá no Ingenho
do seu querido sertão.

Vi tômbêm o seu Cabrá,
que Dizidéro me disse
que era um sordado do Má,
e que não era d'aqui.

Pulas curversa que uvi,
esse Cabrá foi um cabra,
que tinha tanta cabeça,
que veio de Purtugá,
só prá inventá o Brazi.

Tem mais seu Chico de Casto,
que foi grande professô!

Seu Rio Branco, um ministro
do difunto Imperadô,
que era um dungão alouvado.
e de munta opinião,
que não quis mais que as escrava
tivesse fio prôs branco
vendê prú cinco tostão.

Bem im frente da *Centrá*,
vi seu Otoni, um Doutô,
que foi tômbêm inginêro,
c'uma carça de vaquêro,
e uma rabona cumprida,
cumo quem leva assuntando
na istupideza da vida...

Um outro Doutô gurduncho,
o seu Têxêra de Frêta,
que Dizidéro agarante
que prá pô preto no branco
nunca teve um outro, não!
Foi hôme que apreparava
vinte lêzes mais depressa
do que vassuncê, cumade,
faz um prato dê pirão.

Oxênte! Esse Doutô gordo,
tá áli no meio da rua,
inibruiádo num lençó,
pruquê Dizidéro disse
que quanto se faz mais lêzes
a coisa ficá pió.

Dizidéro me amostrou
outro Armirante do Má,
um tá de sinhô Barroso
tômbêm de munto sabê,

que leva de noite e dia
berrando, acolá, furioso,
que todo bão brazilêro
deve cumpri seu devê.

Tenho pena do Armirante,
daquele grande guerrêro,
que é mais fáci ispipocá
aquele peito já rouco
de tanto e tanto gritá,
que fazê um brazilêro
um dia só li iscutá!!

Dizidéro me jurou
que essa palavra — devê —
de tanto pezo e valô,
nunca foi bem ixpricáda
pulos tá repubricano:
foi d'uma lingua faláda
no tempo do Imperadô.

Háy mais um outro cabôco,
que foi tômbêm marechá,
cumo o Caxia, o Barrôzo,
O Osóro e o Arve Cabrá!

É o Froriano Pexôto,
o seu marechá de ferro
cumo é chamado prú lá.

Esse cabôco turéba,
na frente d'uma bandêra,
cum a espada na mão guerrêra,
fixe, de pé, dando as costa
prô tá de Alifante Branco
— o Triato Municipá,
dia e noite, noite e dia,
não dróme, não fecha os óio,
cum os óio sempre prô Má.

Daquela canáia toda
só gostei do marechá.

Que diabo tá lá fazendo
aburrinhando o cabôco
uma muié assanhada,
inxirida e tarambéla,
querendo bejá o hôme,
que nem se importa cum ela?

Aquilo é feio, cumpade,
munto fêio, sim, sinhô!

Cá no chão, outra xoróca,
que a de riba iscurraçou,
    prú via de querê dá
    prô marechá uma frô,
leva ali o dia intêro
e a noite intêra de pé,
    dando a frô prá todo mundo,

e que, afiná, ninguem qué.

Quem não vê que aquela históra
é o diabo da ciumêra?!
Prá quê n'uma coisa séra
se foi metê bandaiêra,
ali, nos barba d'um padre,
um padre que tá amostrando
prá uma mocinha uma cruz!!
Agora, diga, cumade,
pulo nome de Jesus: —
o que faz lá do outro lado
um hôme, todo azangado,
cheio de rógo e gangento,
c'um ladrão ajuêiado,
pedindo perdão prô crime
de tê róbádo a porquêra
d'um galo véio e gosmento?!

Apois o raio do hôme
não vê cumo lá na Côrte
se tá morrendo de fôme?!
Será pussíve que o padre
não inxergue aquilo, não?!

D'outra banda, um outro cabra,
que é tarvez outro ladrão,
foi pul'um outro agarrado
e qué fugi dos sordado,
prá não í lá prá prizão.

Apois o raio do hôme
não vê cumo lá na Côrte
se tá morrendo de fome?

E, agora, óxente, eu pregunto:
— que tá fazendo uma preta,
cum outro preto, quage nú,
n'um bate-boca danado,
n'um chamêgo acanaiádo,
fazendo daquela praça
cumo se fosse um zungú?!
O que tem seu Floriano
cum esse casá de aribú?!

Já tôu cansado, cumpade,
de falá só nas estáta!

Só farta falá d'um hôme
que prá nós tem mais valô

Não é reis nem marechá,
e nem sei se ele é doutô.
Sei que é um cabra cantadô,
pruquê fez munta poesia!
Seu nome é Gonçarves Dia!

Agora venha os violêro
suas viola temperá,
apois trago de cabeça

quatro verso brasilêro
prá vancês tudo cantá:
“Minha terra tem parmêra,
“donde canta o sabiá!
“As áve que aqui grogêia,
“não grogêia cumo lá!”

Quem inscreveu estes verso
havera de tá n’um artá!

Toda a minhã, seu Lourenço,
quando Dizidéro lia
as fôia, os jorná do dia,
eu não queria uvi lê.

Aquele papéu, cumade,
era o preto que no branco
táva a gemê... a gemê!
— Um hôme que se matou
— prú não tê o que cumê!...
— Outro que o vapô de terra
— n’um instantinho ismigaiou!...
— Um ladrão, que, prá róbá,
— uma muié safocou!...
— Um tá sinhô Nôrástêno,
— que prú via da duença,
— c’um suspensó se inforcou!
— Uma criança pequena
— que a mãe danada ingeitou!
— Um doutô que na Avinida

— deu um tiro n'um doutô!...
— O seu Francisco Manué
— que prú questã de famia
— meteu o páu na muié!...
— Dois ôtrômóve isbarrado,
— e a fugida do chofé...
— Do travessão d'uma escada
— um operáio caido,
— c'um a cabeça ispatifada...
— Uma casa de negoço,
— que, prú farta de dinhêro,
— o fôgo lambeu cum o fôgo,
— matando quatro bombêro...
— Um mocinho, um cirdadão,
— daqueles lindo pavão,
— dos pavão lá da Avinida,
— que deu um tiro, somentes
— cum o instrondo de pôrva seca,
— na boca do coração!...
Tudo isso, Zé Lourenço,
eu não podia uvi lê!...
Não era um jorná!... Não era!...
Era a cirvilização
que eu táva uvindo a gemê!

Ai, cumade!... D'outra feita,
quando eu cai d'um eletro,
veio o carro da Assistença
e um doutô mixiriquento,
que disse prá Dizidéro

que o caso era munto séro,
apois eu tinha na quéda
quebrado um osso prú dento.

Entonce seu Dizidéro,
trocendo logo o nariz,
me levou no consurtóro
d'um doutô munto falado,
que é cunhecido na Côrte
pulo doutô *Raio X*.

Quando eu bispei que o danado
queria vê c'uma luz
cá dento o osso quebrado,
eu disse lá prô doutô:
— vassuncê se cansa atôa,
— que eu tenho o corpo fechado!

O doutô se poz-se a ri!...

Apois, cumpade, esse raio
do seu doutô Raio X,
não sabe cumo é que um hôme
fecha o corpo, cumo eu fiz!!!

Chico Mironga, eu pensava
que a Cambra dos Diputado
era a casa do Mercado!
Quá mercado, Zé Piancó!
O negóço inda é pió!

Aquilo parece um côco,
acabando im bate-bôca,
quando os cabra anda arrastando
as azas prá uma cabôca.

Imquanto os adiputado,
n'uma tutubiação,
berrava, batendo parma
cum as boca, cum os pé, cum as mão,
    um curinga, a móde bôbo,
    um bico de bacuráu,
    c'uma cara de véaco,
    atrepado n'um giráu,
fazia tanto mungango,
que parecia um macaco!
Não pérciza te dizê
que esse hôme, que era um doutô,
tinha o nome de *Oradô*.

Quando os dibo se danava,
uvindo o prôsiadô,
o Cabeça, o Perzidente,
prá acabá cum a mapiage,
alevantava o focinho,
    e despois tudo acabava
    cum o toque d'um xucainho.

Cem mir ré, todos os dia,
ganha os tá de adiputado,

prá fazê tanta arrelia!

Inda tem mais: o Senado!

Mas porêm, óia!.. Afiná...
Tudo aquilo é uma famia!!!

O Imperadô Perzidente
e os Dunga cirvilizado
queria que eu agarasse
na camba do páu furado!
Eu disse prô sinhô Dunga
que o hôme que foi criado
cum o leite verde dos mato,
não dáva mais prá sordado.

Quando o hôme, meu cumpadre,
me disse que era pércizo
sê sordado prá atirá,
eu me ri só, à vontade,
e disse pró generá: —
Vancê fica fixe aqui!...
Eu fico fixe acolá!...
Vancê pega na espingarda,
quando a garruncha eu pegá!...

Eu só faço a puntaria,
quando vancê apuntá!...

É vancê quem váe prêmêro

a espingarda adispará!...

Quando, aqui, dento do cano
da minha garruncha intrá,
a bala que vassuncê
sôrtou prêmêro de cá,
eu quêmo fogo!... E, despois,
vassuncê tem de levá...
(ói bem, seu generá!!...)
— im vez d'uma, duas bala: —
— a bala, que me mandou,
— e a outra que eu li mandá.

O hôme ficou me óiando,
taliquá maritacaca,
quando vê fogo quêmá.
Butei o chapéu de couro
e disse pró generá: —
— Quando os cabra lá da Instranja
— vinhé cum provocação,
— im cada um sertanejo,
— c'um cravinote na mão,
— o Brazi tem um sordado
— nas terra do meu sertão.

Uma noite... (era na festa:
da Virge da Cunceição!...)
Ia vê cum Dizidéro
a ingreja da Capitá,
qué dizê: — a Catedrá.

Zé Lourenço! Zé Piancó!
Quando intrei dento da ingreja
prá fazé minha oração,
fiquei cum os óio assombrado
e uma dô no coração!
Vi tanto luxo cumade,
a ingreja táva tão cheia
de briante e prata e ouro,
que eu jurguei (Deos me perdôe)
que era ali que era o Tesouro.

Despois é que eu vi os Santo,
e, entonce, pedi perdão!
Minh'arma, naquele instante,
não táva na casa Santa!
Táva aqui neste fundão!

O Sinhô Curcificado,
aqueles santo dourado,
o artá, todo inluminado,
não tem, cumade, a tristeza
d'aqui dos nossos santinho,
do Cristo tão pobrezinho
da capela lá do monte,
adonde eu fui báutizado.

Prá quê tanta lunxaria
e tanta luz a briá,
se a Santa Virge Maria,
no meio dos animá,

dêu à luz a Jesú Cristo
na pobreza d'um currá?

C'um cordão abriantado,
um manto todo azulado,
a Virge da Catedrá
não tem aquela humirdade,
aquele óiá de piádáde,
aquela cara bunita
    da Mãe de Cristo, a Matúta
    d'ali da pedra da gruta,
    abrindo os braços prá gente,
    cum o seu vestido de chita!

Dento da Casa do Fio
de Deos, minha cumadrinha,
cada moça que passava
parecia uma rainha!

Os hôme, sem arrespeito,
sem humirdade, sem fé,
im vez de rezá prôs Santo,
táva metido nos canto,
mexêndo só cum as muié!

Se a Santa que tá no árto,
de noite fica infeitada
cum aquela luz inventada
pulas mão dos hôme incréo,
    a Santinha sertanêja,

a d'aqui, da nossa ingrêja,
tem a luz dessas candêia,
que Deos acende no céo!

Quando eu saia da Ingrêja,
a lua vinha nacendo,
como nace no sertão!
Entonce, óiando prá lua,
rezei uma ave-maria
com todo o meu coração!

A lua, no céo acêza,
é a Santa Mãe da Tristeza!

Apois, quando a lua santa,
cheia de amô e piádáde,
nace ali, naquela serra,
que Deos fez, cumo um artá,
a gente inté tem vontade
de cai de juêio im terra,
dêxando entonce a sôdade,
cum as mão cruzada, a rezá!

Agora iscute outro caso
que se passou lá cumigo.
Dizidéro, que foi sêmpe
um cabra bão, um amigo,
me prometeu uns cobrinho
prá pagá minha passage,
prá mim vortá prá estas banda,

prô meu sertão, prá estas varge.

Três mês cumprido fazia
que eu táva ôsente d'aqui,
lá, no Rio de Janêro.
Mas porém era pércizo
ele arrecebê prêmêro
um bocado de dinhêro
que ele tinha no Tezouro,
que é o diabo d'uma Fazenda
que só tem gente veiáca!
(Eu já disse a vancês tudo
que o Tezouro é uma arapúca,
onde se guarda as patáca).

Todo dia Dizidéro
ia lá nesse cambembe,
onde o diabo se perdeu,
e, cumo ele me dizia,
já cinco ano fazia.
que táva ali percurando
arrecebê uns cobrinho,
uns pataco, que era seu.

Prú via d'um riquirmento,
que ele fez há cinco ano,
nunca vi tanto papéu!
Aquilo tudo grudado,
se avuásse um dia prá riba
cubria as nuve do céo!

Era uma casa indiabrada
de dá fubáca na gente!
    Prêmêro a gente falava
    c'um servente — o seu Tenente.
    O seu Tenente mandava
    a gente prô Capitão.
O Capitão, que era um cabra
ainda munto pió
mandava a nós que nós fôsse
se intendê c'um seu Manjó.
    Esse, que táva pitando
    um bão charuto, falou:
        Vancês vá falá prêmêro
        c'um o fié dô Diretô.

O tá fié, que era preto,
cumo o rabo dum anúm
disse que nós pércurásse
seu Tenente-Coroné,
um cara de araticúm.
    Seu Tenente-Coroné
    táva tomando café!
    Fez um siná prô fié,
    que disse prá Dizidéro
    pércurá seu Coroné.
    Seu Coroné, afobádo,
    que táva mêmo cum cara
    de quem cum a muié brigou,
    deu um berro isparramado,

ficou todo aburrinhado,
e disse que o riquirmento,
táva lá cum seu Doutô!
(Eu me esqueci de dizê
que na Côrte todo o mundo
traz no dedo o seu ané.
Dizidéro disse, inté,
que de minhã viu um hôme,
que não sabia inda lê,
de noite sê bacharé!!
Agora o mió, cumpade,
é que, despois de fromado,
o seu doutô Anicéto
se esqueceu di que prendeu,
ficando outra vez de novo,
como táva: — anarfabéto!!)
Lá foi a gente, cumpade,
prô seu Doutô, que, de longe,
vendo a gente, arresmungou:
"Fale ai cum esse sinhô",
"cum seu Rocha, o baritáno!"
O Rocha, que é um cantadô;
que tem cara de criança,
quando acaba de chorá,
uns óio de gavião,
unas perna de pilão,
e um corpo que inté parece
um tronco de jatobá,
disse a gente que nós fôsse
falá cum o seu Diretô.

Ah, meu cumpade, que horrô!
O criado do Diretô,
que era um Coroné tômbêm,
e táva lendo um jorná,
sortando uma palavrada,
virou as costa, gritando:
"O Diretô já não tá".

E foi-se embora, gingando!

Nós dois fúmo se intendê
c'um seu doutô Vardentáro,
que é o cabeça da istruvanca,
onde se pága o dinhêro!
O hôme que tá na pórta,
cum cara de arcuvitêro,
disse prá nós, cum infáro: —

"Não póde agóra falá!!...
"Vinte muié tá assuntando
"cum seu doutô Várdentáro!"
Despois, me disse, baxinho: —
"Tem paciência, meu fio!
"Esse hôme, vendo muié,
"fica ansim cumo macaco,
"quando vê roça de mio".

No fim de três mês, a gente
premetemo prá São Guino
três grito, se os hôme achasse

o mardito riquirmento,
que os dontô nunca incontrou.

Mas porêm... Quá.. Meu cumpade!
Cum aqueles categoria
São Guino não tem valô.
Apois, dênde aquele dia
seu João Branco e Dizidéro
fez prô Tesouro uma *figa*
e nunca mais lá vortou.

Leve a bréca os capitão,
os manjó e os coroné
e a trupia dos doutô!!...
Prá que tanto bacharé?!

Prâ via disso, cumpade,
é que as muié lá da Côrte
vai virá im hôme macho
e os hôme, virá muié.

Quando eu sai do Tesouro,
fui falá cum o Perzidente,
— o Imperadô da Repúbrica,
que é o Sinhô de toda gente.
Ia vê se ele podia
me dá logo, sem demóra,
uma passage de graça,
prá mim pudê vim me embóra.

A casa do Perzidente,
que um hôme leva três dia
só prá andá, prú mais que ande,
é uma casa cumo a Ingrêja,
mas porém munto mais grande.
Quando topei lá na porta
cum um hôme todo dourado,
julguei que era o Perzidente...
mas porêm... era um creado!!
Hoje, aminhã, não, despois!...

Eu li digo, cum tristeza,
que levei cinco sumana
prá falá cum sua Artêza!!...
Inté que um dia o diabo
da sorte me prémitiu!...
Intrei. O Dunga, assentado,
oiôu prá mim e se riu!
Despois de me agaranti
que eu táva mêmo servido,
eu dei prá seu Perzidente
um rôlo de mapingui!
Tirei da ôrêa um cigarro
e, pedindo prémissão,
quêmei a pedra de fogo
e cumecei a pitá.
Prêguntei a sua Artêza
se não tinha, no Palaço
uma gaita ou uma viola
prá umas tuadá cantá.

Sua Artêza, sempe rindo,
cum munta sastifação,
disse que viola não tinha,
mas porém tinha um violão.
Mandou buscá o insturmento,
temperou e abriu o peito
e cumeçou saluçando
o diabo d'um alundú,
que eu pensei, minha cumade,
que táva uvindo nos mato
o chôro d'uma inhambú!

Me alembrando do sertão,
e vendo que sua Artêza
era mêmo um hôme bão,
eu me astrêvi a fazê
o meu úrtimo pedido,
prá despois me arritirá.
— Era prá ele mandá
inscrevê os pé de verso
do alundú que ele cantou. —
Quando ele disse que havéra
de me mandá o alundú
pulo prêmêro vapô
que vinhésse da Alamanha,
    agardêci o favô,
    e sarvei o Perzidente,
    que era o seu doutô Préçanha.

Uma sumana despois,
cai doente de cama
    O cumpade do Mironga
    mandou chamá p'ra me vê
    um doutô de munta fama.
O doutô pôs um canudo
aqui prá riba do peito!...
Mandou ispirrá, tussi;
bateu cum as ponta dos dêdo
na boca do istombo... aqui,
e ao despois, cum muito geito,
me preguntando se eu éra
sortêro ou pai de famia,
me disse que era percizo
eu fazê minha viage
dento de dois a três dia,
apois eu táva sofrendo
d'um má, que não tinha cura,
chamado: lerzão cardia.
    Apreparada a bagage,
    abracei seu Dizidéro
    e lá do Rio parti,
    prá matá minha sôdade,
    e morrê, mais à vontade,
    cá nos mato onde eu naci!

Agora, que eu tôu aqui,
cum vancês tudo: a cumade,
minha afiáda, o cumpade,
a minha véia Bastiana

e a famia, — a obrigação,
posso assuntá que o doutô
foi um hôme da rézão,
quando me disse que eu táva
duente do coração.
    Esse doutô, que era ermão
    do seu doutô Raio X,
    sábe onde tem o nariz!!

Mas porêm vancês não chóre,
que eu tândo aqui cum vancês,
tôu contente, tô feliz!
O grande má, que eu trazia
no coração, que sofria
a tá de lezão cardia
do doutô lá da cidade,
    tá curado! Têve cura!...
    Não me léva a sipurtura!...
    Apois a lerzão cardia
    tinha outro nôme: —
            Sôdade.

VOCABULÁRIO

Maiada — choça: e, em outros lugares, — curral.
Miunça — miúda.
Candonga — maroteira.
Cundurú — célebre criminoso do sertão.
Impuiou — enganou.
Sarambão — pelintra.
Sarará — falador.
Sucáro — pegada.
Candimba — espécie de lebre.
Isfabriçado — esfarrapado.
Contra — certa dose de cachaça.
Xêta — pilharia grosseira.
Taparambé — bobo.
Chiqueradô — chicote.
Peia-boi — espécie de chicote.
Rebingudo — valente.
Praciana — da cidade.
Capirôto — diabo.
Surunganga — bonito e faceiro.
Dizimbambado — destemido.
Fazendo cêra — namorando.
Tem pauta — tem relações com...
Pé de pato — diabo.

Taquarambó — inexperiente.
Róço — orgulho.
Xoróca — velha desfrutável.
Mapingui — fumo de rolo.
Categoria — homem de posição.
Aburrinhado — espantado como um burro.
Maruím — mosquito dos pântanos.
Muriçoca — mosquito pernilongo.
Tarambéla — que fala muito.
Gangento — satisfeito.
Obrigação — família.
Fubaca — caiporismo.
Maritacáca — pequeno mamífero.
S. Guino — santo, a quem o sertanejo promete aclamar o seu nome, quando acha um objeto perdido.

O FAZENDEIRO E O ROCEIRO

O fazendeiro Barnabé, em viagem para a Capital, de passagem pela roça, conversando ligeiramente com o seu compadre Zé Joaquim, dissera-lhe haver perdido grande quantia, prometendo-lhe tudo explicar, quando voltasse da Capital, em caminho do sertão. Terminados os seus negócios e de regresso ao sertão, vem despedir-se do compadre, em cuja casa pernoita, para seguir viagem, de manhã. É noite. Estamos na choça do roceiro, que vai receber Barnabé, a quem pede que lhe conte a história do dinheiro perdido.

O FAZENDEIRO E O ROCEIRO

Ao Coronel Dr. Salles Filho.

BARNABÉ:
— Munto bás noite, cumpade.

ZÉ JOAQUIM:
“Cumpade, muito bás noite.

BARNABÉ:
— Cumo aminhã, de minhã,
vórto prá minha Fazenda,
vim abraçá meu cumpade
e preguntá se não qué
fazê arguma incomenda
lá pra arguem daquelas mata.

ZÉ JOAQUIM:
“ Não, cumpade. Só desejo
que vancê me arrecomende
a cumade Furtunata.
E, agora, quando tu vórta,
cá pula roça outra vez?!

BARNABÉ:
— Nós támo no mês...

ZÉ JOAQUIM:
“de Março.

BARNABÉ:
— No fim do ano, tarvez.

ZÉ JOAQUIM:
“ Quá, cumpade!... Eu não me engano!
Tu te péga no sertão,
e só vórta aqui, na róça,
d’aqui há dois ou três ano.

BARNABÉ:
— Não, sinhô, pruquê na Côrte
tenho uns negóço a tratá.

ZÉ JOAQUIM:
“Ah! Cumpade!! Eu me esquecia!
E o caso que vancê disse
que me haverá de contá?!

BARNABÉ:
— Outra vez, quando eu vortá.

ZÉ JOAQUIM:
“O que?! Não, sinhô! Agora!

Tu já deu prá madracêro?

BARNABÉ:
— Quem faz viage perciza..

ZÉ JOAQUIM:
“de descanso. Mas porêm
eu quero sabê pruquê
tu perdeu tanto dinhêro.

BARNABÉ:
— Não foi bem perdê, cumpade;
eu não te contei a históra
cumo foi que assucedeu.

ZÉ JOAQUIM:
“Apois bem: me conta agora.

BARNABÉ:
— Me dá premêro um cigarro
daquele fumo gostoso,
que onte à noite tu me dêu.

ZÉ JOAQUIM:
“Toma lá... Pita à vontade.

BARNABÉ:
— Agora...

ZÉ JOAQUIM:

“O que é mais cumpade?

BARNABÉ:
— Um góle daquela nóssa!...
da branquinha!...

ZÉ JOAQUIM:
“Tome lá.
Esta é cana cá da roça!

BARNABÉ:
— Agora farta uma coisa.

ZÉ JOAQUIM:
“Apois fale. O que mais quê?

BARNABÉ:
— Daquele bão!... Do cheroso!

ZÉ JOAQUIM:
“Rapé, cumpade?

BARNABÉ:
— Rapé.

ZÉ JOAQUIM
“Toma lá. Este é do bão.

BARNABÉ:
— Estas venta, Zé Joaquim,

é taliquá um fogão.
Perciza tá sempe quente,
prás indéa refervê.

ZÉ JOAQUIM:
“Se é ansim, bóta cravão.

BARNABÉ:
— Agora munta atenção!
Há três mês, caiu doente...

ZÉ JOAQUIM:
“A cumade?!!!

BARNABÉ:
— Sim,sinhô.

ZÉ JOAQUIM:
“Vâmo! Conta!

BARNABÉ:
— Era uma dô
que ela sentia no figo,
mas porêm arrespondendo
(Lá nela...) im riba do imbigo.
Há dois mês que táva ansim,
e cada dia pió.
Percurei Manué Timbó,
curandêro famanado,
que me disse que ela táva

cum o figo todo impaxado.
Há dois mês que Furtunata
tinha *assentado na quarta*,
já despois de tantos ano
a gente se tê casado.
Manué Timbó mandou dá
todos os dias três chá
de urtiga e de erva cidrêra
e uma boa esfregação
de banha de quati macho,
prá esquentá toda a paquêra.
Cumo há seis dia a doente
já não *descia nos pé*
o cabôco aconsêiôu
uma istruvanca de arruda,
lingua de boi, e umas fôia
de pitanga e de coité.
Mas porêm, cumo im três dia
não tinha cessado a dô,
chamei o Antonio Piôiu
mandiguêro e benzedô...

ZÉ JOAQUIM:
"... Que é o avô da Chica Bóde...

BARNABÉ:
— Isso mêmo, sim, sinhô!...

ZÉ JOAQUIM:
"Já sei que o cabra acertou!

BARNABÉ:
— Não fazendo, pouco caso
na sua palava honrada,
dêxe eu falá.. prú favô!

ZÉ JOAQUIM:
“Apois bem — ... Peço perdão!...

BARNABÉ:
— Não tem de quê. Meu cumpade
não dêxa de tê rézão.

ZÉ JOAQUIM:
“Fala, cumpade! Eu premêto
que não te istróvo mais, não!

BARNABÉ:
— Antonio Piôiu, esse hôme
que tem feito tanta cura,
benzeu, rezou, mas porêm
o má não arrespeitava
o diabo das benzedura!...

ZÉ JOAQUIM:
“Crédo im cruz!... Ave Maria!
Não fale tanta hirizia

BARNABÉ:
— Hirizia?!

ZÉ JOAQUIM:
“Apois não foi?!

BARNABÉ:
— Tem rézão! Deos me perdôe!

ZÉ JOAQUIM:
“Deos sempe perdôa a gente,
quando qué se arrependê.

BARNABÉ:
— Vendo que sua cumade
táva im risco de morrê
e já não tendo mais nada,
não tendo mais que fazê,
mandei chamá um doutô
que intendia dessas coisa
de doença das muié
e que eu uvia dizê
que era um grande ômpéradô.

ZÉ JOAQUIM:
“Prá quê, cumpade!.... Prá quê!?
Tu nem parece hôme véio
cum tantos ano de vida!
Pulo quê tu disse atraz,
o má da minha cumade
era espinhéla caida!!!

BARNABÉ:
— Não era, não, Zé Joaquim!
A coisa era mais ruim!

ZÉ JOAQUIM:
“Ruim?! Quá ruim! Quá nada!...
Eu punha a muié curada
só c’um côpo d’água inté!

BARNABÉ:
— Cum isso só?!

ZÉ JOAQUIM:
“E cum Aquela!...
— A Senhora das Candeia,
e a Santa Virge Maria,
que é nossa Mãe, Barnabé.

BARNABÉ:
— Era pércizo um dotô...

ZÉ JOAQUIM:
“Prá ti!... que perdeu a fé!

BARNABÉ:
— Tu, cumpade, im meu lugá...

ZÉ JOAQUIM:
“... Tinha curado a cumade,
pruquê inda tenho uma boca

e duas mão prá rezá!

BARNABÉ:
— Mas porêm... dêxa eu falá.

ZÉ JOAQUIM:
“Não tôu aqui prá outra coisa
se não é prá te escutá!

BARNABÉ:
— O hôme, de munto longe,
de dez legua bem puxada,
im riba d’um *Russo Pombo*,
apareiado de prata,
veio vê a Furtunata.
O doutô, que era um frangote,
munto bem apessoado,
ânte de vê a duente,
me prêguntou cumo éra
que o má tinha cumeçado.
Não fartando cum o arrespeito
prá um doutô, quando é frômado,
disse o que eu já tinha feito!

ZÉ JOAQUIM:
“Prá falá verdade, eu acho...

BARNABÉ:
— Não fale!...

ZÉ JOAQUIM:
“Já tôu calado!

BARNABÉ:
“O doutô se pôs-se a ri!!...

ZÉ JOAQUIM:
Óia lá!!... Eu logo vi!!..
Apois óia Barnabé!
Tem mm cabra aqui na roça,
o Reimundo Jacaré, que sem sai da paióça,
somentes cum as suas réza,
curava a tua muiéi!

BARNABÉ:
— Eu não sei lá, Zé Joaquim!
Dêxa lá seu Jacaré
e vâmo chegá no fim.
Despois seu doutô me disse
que queria inzaminá.
Arrespundi: seu doutô,
quando quizé; póde intrá.
Furtunatá já sabia
que o doutô tinha chegado.
(Eu li juro, meu cumpade,
que inté naquele momento,
ninguem, a não sê nós dois,
tinha intrado ali, no quarto,
dênde o dia de casado).

A duente, Zé Joaquim,
chorava cum a dô!... Gemia
de fazê pena prá gente
vê a duente gemê!
O doutô tirou do bôrso
um palitinho de vidro,
butou debaxo da braço,
e cumeçou a batê!
Os dedo do hôme batia
ligêro im riba das vêia,
cumo língua de muié.
Despois mandou a duente
abri a boca e butá
a língua toda prá fóra.
Tirou do bôrso o relójo;
tirou do braço o vidrinho;
oiôu prô vidro, e, despois,
prô relójo, vendo as hóra.
Despois, tornando a batê,
quando bateu n'um logá,
a sua santa cumade
gritava que parecia
(cum perdão do meu cumpade!)
carro de boi, quando passa
n'uma vareda, a guinchá.

ZÉ JOAQUIM:
"Coitadinha!... Coitadinha!...
Se eu fôsse vancê, li juro,
que esse cabra, esse mardito,

não comia mais farinha.

BARNABÉ:
— Tu tem rézão, meu amigo!
Coitadinha!... Coitadinha!

ZÉ JOAQUIM:
“Onde móra esse canáia!?
Eu percizo desse bicho
prá levá minhas banana
im riba d’uma cangáia!

BARNABÉ:
— Cumpade! Não me atrapáia!
Dêxa lá de macacáge,
que eu tenho de acordá cedo,
prá segui minha viage!

ZÉ JOAQUIM:
“Ah!... se eu gárro esse serváge!!

BARNABÉ:
— Tu qué uvi ou não qué?!

ZÉ JOAQUIM:
“Fala!... Fala, Barnabé!

BARNABÉ:
— Despois do doutô batê
no lugá que eu já falei,

fez ansim, dando cum os hombo!

ZÉ JOAQUIM:
“Quá foi o lugá, cumpade?!

BARNABÉ:
— Um bocadinho prá báxo
do lado isquerdo do istômbo,
que o Timbó mandou isfregá
cum banha de quati macho!

ZÉ JOAQUIM:
“Isso é munto bão prô figo...
Mas porêm, cumpade, eu acho...

BARNABÉ:
— Espera lá: já te digo.
Despois do inzame, o doutô,
saindo entonce do quarto,
pediu água e a mão lavou.
Levou bem uns três minuto
calado, óiando prá mim.
Ao despois, falou ansim: —
Cumo se chama o sinhô?
“Barnabé” li arrespundi.
“Apois bem, seu Barnabé”.
(me disse, ansim o doutô...)
“só uma coisa, somentes,
“sarvará sua muié”.
— Apois, seu doutô: quá é?

— Seu doutô: eu faço tudo
— que tivé nas minhas mão!!
Entonce o hôme me disse: —
“Sua duente perciza
“fazê uma ômperação”.
    Quando uvi essa préposta,
    cai de venta prô chão!

Ao despois de dez minuto,
o doutô me alevantou,
e entonce ansim me falou:
“Ou o sinhô manda fazê
“já e já a ômperação,
“cumo inda há pouco eu dizia,
“ou a sua companhêra
“não dura mais de dois dia
“Eu agaranto ao sinhô
“que nenhum perigo tem.
“Não sei os seus pissuido;
“mas porém, eu li prêmêto
“que não li peço um vintem”.
Todo o má de Furtunata
era um tumô, meu cumpade,
que táva roendo prú dento.

ZÉ JOAQUIM:
“Cumpade!... Apára um momento!!...
Pruquê, se tu continúa,
eu istóro!.. Eu arrebento!!!
Se um hôme póde, rezando,

cum a ajuda d'uma oração,
de pé descarço, pizá
nas brasa d'uma fuguêra,
cumo faz os sertanêjo,
no dia de São João!...
Se um hôme c'uma oração
póde movê os rochedo!...
Arrancá d'uma montanha
os tronco dos arvoredo!...
Andá p'urriba das água,
cumo andou Nosso Sinhô!...
Cumo é que tu não podia,
arrancá essa porquêra
do diabo d'um tumô?!!

BARNABÉ:
— Ora! Pula mór de Deos!
O que passou já passou!

ZÉ JOAQUIM:
"Não me fale im Deos!... Não fale!
"Não fale em Deos!... É favô!

BARNABÉ:
— Não falo, mais, não, sinhô!
E a minha históra, cumpade,
já se acabou! Tá acabada!

ZÉ JOAQUIM:
"Quá já se acabou!... Quá nada!

“Conta o resto!... Vâmo lá!

BARNABÉ:
Eu conto, mas não istróve,
que o setestrelo váe árto,
e as três hóra da minhã
eu tenho de alevantá.

ZÉ JOAQUIM:
“Conta o resto! Vâmo lá!

BARNABÉ:
— Tá bão. Ainda eu me fio
na tua palavra honrada.

ZÉ JOAQUIM:
“Cala-te!... Cala-te, boca!...
“Já tôu cum a boca fechada.

BARNABÉ:
— O doutô, que já trazia
n’um baúzinho as ferrage...

ZÉ JOAQUIM:
“Dêxa lá de mapiage,
dêxa o raio do doutô,
que eu quero sabê, somentes,
se a cumade se sarvou.

BARNABÉ:

— O moço levou três hora
prá fazê a ômperação!
Mas porêm fez um trabáio
que, abaxo de Deos, cumpade,
a ele a tua cumade
deve a sua sarvação.

ZÉ JOAQUIM:
“E tu, que sois um cristão,
que nunca dêxou ninguem
intrá dento do teu quarto
a não sê tu e a muié,
tu vae deixá, Barnabé,
um doutô tarapantão...

BARNABÉ:
— Entonce, seu Zé Joaquim,
eu havéra de dexá
a minha bôa muié
morrê cumo um animá?!

ZÉ JOAQUIM:
Óia!!... Se fôsse cumigo!!...

BARNABÉ:
— Espera lá!... Já te digo!
Quando eu vi que a Furtunata
já táva já sem perigo,
arriei meu *Passarinho*,
e prá casa do doutô,

que era três legua distante,
me puz logo de caminho.
Tinha há três hora saido
prá vê a vó do Penido.
O hôme lá no sertão
tinha tanto que fazê,
às vez inté, certos dia,
se esquecia de comê.
O sino da capelinha
batia as ave-maria,
quando iscutei o tropé
d'um cavalo que na estrada
vinha a toda disparada.
Era ele, sim, sinhô!
Quando me viu, se assustou,
e entonce me prêguntou:

"Cumo váe sá Furtunata!"
Já tá de pé, seu doutô
E ele: "Pruqué motivo
eu devo a seu Barnabé
a honra desta visita,
que me dá munta alegria?!!"

Puxei entonce do bôrso
um imbrúio que eu trazia,
e entregando prô doutô,
disse: — Vossa Senhoria
vae me fazê o favô
de escutá, quéto e calado,

tudo o que eu quero dizê!

Esse é um favô munto grande
que eu peço agora a vancê.

Pedindo entonce licença
prá me podê assentá,
eu cumecei a falá.

Há vinte ano, seu moço,
há vinte ano passado,
que eu — Antonio Barnabé —
cum a fé de Deos sou casado.

Levei dois mês todo intêro
prá pedi ao Zé Vaquêro
a mão daquela muié.

Quando eu ia abri a bôca,
eu sentia uma friage
frévendo, aqui na graganta.
Ói, moço!... a Furtunata
não é muié!... É uma santa!
Me casei. A vez prêmêra
que eu dei um bêjo na mão
da Maria Furtunata,
fiquei tão invrégonhado,
que andei três dias nas mata,
cumo um boi, amucambado.

Doutra feita... Escute lá.

Táva casado há dez ano.

Um dia, tomando banho
nas água d'uma lagôa
munto longe da Fazenda,
do outro lado da Tabôa.
Vi, eu vi que a Furtunata
vinha lá das Gróta Funda,
pulo meu nome a gritá.

E cumo não tinha tempo
da roupa dispindurá
dos gáio d'um piquiá,
varei pulos mato afóra,
os mato cheio de espinho,
prá me escondê, lá, distante
prú detraz d'um tabocá.

É ansim a inducação
que se arrecébe prú lá.

Seu doutô. Eu não sou hôme
de fortuna. Mas porêm,
faço as minha incunumia,
e vou vivendo, vivendo,
cumo Deos qué: má ou bem.

Trago aqui, neste papé,

todo, todo o meu dinhêro.
Não é paga! Não, sinhô!
Eu sei que vancê não é
desses hôme interessêro!

Aquilo que vancê fez,
se eu fosse dono do mundo,
não pagava, seu doutô,
nem li dando o mundo intêro!!

O que eu trago neste imbrúio,
chega bem prá vassuncê
vivê três ano aforgado,
casado, viuvo ou sortêro.

Apois bem!... Munto obrigado!

No chão, aqui, ajuêiado,
cumo um grande pecadô,
eu quero bêjá seus pé!

Mas porêm... Minha muié,
que vancê viu quage núa,
toda núa, seu doutô!!!!!!

Eu li peço prú favô!!!...

Im nome de Jesú Cristo!...
De Maria!... E São José!...

Já!! Cum aquela ligerêza
que vassuncê me falava,
prá fazê a ômperação,
    mande arrumá suas máca!...

Sáia d'aqui!... Vá prá longe!...
Bem longe deste sertão!...

    Pruquê, se vancê não fô,
    eu, cum a ponta desta faca,
    li istraçáio o coração.

VOCABULÁRIO

Impaxado — incurgitado.
Assentado na quarta — dado à luz.
Paquêra — intestinos, barriga.
Descia nos pés — exonerava os intestinos, expelia os excrementos.
Istruvanca — mistura.
Mandiguêro — feiticeiro.
Tararapantão — que fala muito.
Russo-pombo — cavalo desta cor.
Mesinha — remédio caseiro.
Pinhão de purga — purgante.
Palitinho de vidro — termômetro.
Varêda — caminho.
Passarinho — cavalo espantadiço.
Amucambado — escondido nos matos.
Maca — saco de couro em que se leva roupa.

A RESPOSTA DO GÉCA-TATÚ

O caboclo Géca Tatú, tendo o mesmo nome do outro, a quem se referiu n'um dos seus discursos uma personagem de grande vulto, ofendido, e julgando que todas aquelas referências foram feitas a si, resolve vir à Capital para rebatê-las, segundo seu modo de pensar. Ouçamos a defesa do violeiro nortista, perante o seu eminente ofensor, o maior brasileiro do seu tempo.

A RESPOSTA DO GÉCA-TATÚ

A João Pernambuco, a alma dos violeiros e cantadores da minha terra.

Seu doutô!... Venho dos brêdo,
só prá móde arrespondê
toda aquela fardunçage
que vancê foi inscrêvê.
    Eu não sei lê, mas porêm
    o seu Padre Capelão,
    que sabe lé munto bem,
    lêu prá nós tudo, im três mez,
    o seu bunito sermão.
Me dissérum, cá na Côrte,
que o seu doutô faz aquilo
de cabeça e sem trabáio!...
Vancê tem fôrgo de gato
    e lingua de papagaio!

Não têje vancê jurgando
que eu sêje argum canguçú!
    Não sou, não, seu Conseêiro!
    Sou do Norte!... Eu sou violêro,

e vivo naquelas mata,
cumo véve um sanhassú.
Vassúncê já me cunhece!
Eu sou o Géca-Tatú!

Os hóme cá da cidade
me agarante que o sinhô
é o prêmêro entre os prêmêro,
é o mais grande brasilêro,
é o Dunga dos inscritô!....
Mas porém macaco véio
não mete a mão im cumbuca
vazia ansim, seu doutô!

Nós tudo já tá cansado
desta vida de rocêro,
prá dá mio a tantu galo
que só canta no polêro.
Meu patrão e os cumpanhêro
só leva a falá de lêzes,
que é uma grande trapaiada,
imquanto nós leva a vida
surrando as mão c'uma inxada.

Cum toda essa mapiáge,
vassuncê, seu senadô,
nunca um dia se alembrou
que lá, naquelas parage,
a gente morre de sêde
e de fôme.. sim sinhô!

Vassuncê só abre o bico,
prá cantá cumo um cancão,
quando qué fazê seu ninho
nos gáio d'uma inleição!

Vassuncê, que sabe tudo,
é capaz de arrespondê
quando é que se ouve nos mato
o canto dos zabelê!?
Im que hora é que o macuco
se põe mais a piá?
E quando é que a jacutinga
tá mió de se caçá?
    Quando o urú, entre as foiage,
    sabe mais assuviá?
Quá é de todas as árve,
a mais dêrêita e impinada?
E a que tem o páu mais duro,
e a casca mais incourada?
Vancê não sabe quá é
a madêra que é mais bôa,
prá fazê-se uma canôa!!!

Vancê, no meio da trópa
dos cavalo, seu doutô,
    óiando prôs animá,
    sem vê um só se movê,
    não é capaz de iseuiê
    um cavalo isquipadô!

Eu queria vê vancê,
no meio d'uma burrada,
somentes pulo um isturro,
dizê, im conta ajustada,
quantos ano, quantas manha,
quantos fio tem um burro!

Vancê só sabe de lêzes
que se faz cum as duas mão!...
Mas porém não sabe as lêzes
da Natureza e que Deos
fez prá nós cum o coração!

Vancê não sabe cantá
mais mió que um curió,
gemendo à bêra da estrada!
Vancê não sabe inscrevê
no papé, feito de terra,
quando a tinta é a do suó,
e quando a pena é uma inxada!
Se vancê não sabe disso,
não póde me arrespondê!...

Óia aqui, seu Conseiêro!...
Deos não fez as mãos dos hôme
somentes prá ele inscrevê!

Vassuncê é um senadô,
é um conseiêro, é um doutô!
É mais que um Imperadô!...

É o mais grande cirdadão!...
Mas porém eu lhe agaranto
que nada disso seria
naquelas mata bravia
das terra do meu sertão!!
A mizéra, seu doutô,
tombêm a gente consola!

O orguio é que mata a gente!...
Vancê qué sê Perzidente
e eu só quero sê rocêro
e tocadô de viola!

Vancê tem todo o dêrêito
de ganhá os *cem* prú dia,
prá mió pudê falá!!
Mas porém o que não póde
é a inguinorança insurtá!

A gente, seu Conseiêro,
tá cansada de espera!!

Vâncê diz que a gente véve
cum a mão no quêxo, assentado,
sem fazê caso das coisa
que vancê diz no Senado!

E vassuncê tem rézão!
Se nós tudo é anarfabeto,
cumo é que a gente vae lê

toda aquela falação?

Prá dizê que dois cum dois
faz quatro, seu Conseiêro,
vancê gasta seis tintêro
e fala uma noite toda
e um dia todo intêrinho!
    Vossa Incerlença parece
    a cumade Ginuveva,
    quando intica cum os vizinho.

Preguiçoso?! Madracêro?!
Não, sinhô, seu Conseiêro!!

É pruquê vancê não sabe
o que sêje um boiadêro
criá cum tanto cuidado,
cum tanto amô e alegria,
umas cabeça de gado,
e, despois, a impidimia
carregá tudo, cum os diabo,
im mêno de quatro dia!

É pruquê vancê não sabe
o trabáio disgraçado
que um hôme tem, seu doutô,
de incoivará um roçado,
e, quando o ouro do mio,
vae ficando imbonecado,
prá gente entonce cúiê,

o mio morre de sêde,
pulo Só inturricado,
sequinho, cumo vancê.

É pruquê vancê não sabe
quanto custa um pai sofrê,
vendo o seu fio crescendo,
dizendo sempe: Papái!!
Vem me ensiná o A. B. C.!

Ói aqui, seu Senadô!
Não é só questão de nôme!!

Eu só votava prá um hôme
sê Perzidente, se o cabra
já subésse o que era fome!
Eu não queria sabê
se ele era, como vancê,
— um doutô de falação.
Abasta só que essa hôme
fosse um burro, cumo eu,
mas porém, um bom cristão!
Prá sarvá o mundo intêro
abasta tê coração!

Se eu subêsse, meu sinhô,
inscrevê, lê e contá,
entonce, sim, eu havéra
de sabê cumo assuntá!

Tarvez vancês não déxasse
os sertanejo morrendo,
pió que fosse animá!

Prú móde a politicáia,
vancê qué que um hôme sáia
do sertão prá vi votá
im Joaquim, Pedro, ou Francisco,
quando vem sê tudo iguá!?

Preguiçoso?! Madracêro?!
Não sinhô!... Seu conseiêro!

Vancê não sabe de nada!
Vancê não sabe a corage
que é percizo um hôme tê
prá corrê nas vaquejada!
Vossa Incerlença não sabe
o valô d'um sertanejo,
acerando uma Quêmada!

Vancê mente, sim, sinhô!!

O cabôco brasilêro
tem munto brio e valô!

Nós é que já tá cansado
de trabaiá prôs doutô!
A gente não faz questã
de levá um dia intêro

cum uma inxadinha na mão!
A gente péde, somentes,
prá vancês não se esquecê
que nós tudo sêmo érmão!

Vancê tem um casarão!
Tem um jardim e uma xáca!
Tem criado de casaca!
E ganha, todos os dia,
qué chôva, qué faça Só,
só prá falá, cem mir ré!
Eu trabáio o ano intêro,
somentes quando Deos qué!!
    Eu vivo da minha roça,
    me isfarfando, cumo um burro,
    prá sustentá oito fio,
    minha mãe, minha muié!

Eu drúmo im riba d'um couro,
n'uma casa de sapé!!
    Vancê tem seu ôtrômóve!
    Eu, prá vi no apovoádo,
    ando dez legua de pé!!

Neste mez amarfadado,
prú via de não chovê,
vi a róça du feijão
à farta d'água morrê!!
O Só têve tão ardente
lá prôs lado do sertão,

que im mêno de quinze dia
perdi toda a criação!!

A minha vaca, a *Férmósa*,
que amava cum tanto amô,
pul'uma surucutinga
foi mordida, sim, sinhô!

Na sumana arretrazada,
o vento tanto ventou,
que a páia, que cobre a choça,
foi pulos mato!.. Avuôou!!!

Minha muié tá morrendo,
só prú farta de mêzinha,
e prú farta d'um doutô!

Minha fia, que é bunita,
bunita cumo uma frô,
seu doutô!!! Não sabe lê!
E o Juquinha, que inda tá
chêrando mêmo a cuêro
e já puntêia a viola,
se intrasse lá prá uma escola,
sabia mais que vancê!

Prá falá de tantas lêzes,
vancê viveu assuntando
nesta grande bibrótéca,
mais de quarenta janêro!

Imquanto lá, no sertão,
o Antonio da Caturrita
e o Mundico Cachacêro,
garrando o braço d'um pinhô,
saluça, n'um desafio,
três noite e três dia intêro!

E inda que prú má prêgunto,
vassuncê, que sabe munto,
diga, sem tutubiá: —
    quem foi que ensinou o Antonio
    e o Mundico Cachacêro
    tanta coisa prá cantá?!
Eu — digo à vossa Incerlença
que isso é que é inteiligença: —
o sabê, sem se estudá!!!

Preguiçoso!? Madracêro?!
Não sinhô, seu Conseiêro!!

Vossa Incerlença não viu
um cabôco istruviado,
c'um cravinote ou garruncha,
ispantá um bataião
d'uma prução de sordado!

Vossa Incerlença parece
que não lê munto essas coisa,
ou finge que nunca lêu!

Vancês têm munto talento!!!!
Mas porém pércisa tento
cum a fôme e cum o sufrimento!...
Quem lhe agarante sou eu!

Vancê diga aos cumpanhêro
que um cabra, — o Zé das Cabôca,
anda cantando estes verso,
que, hoje, lá, no meu sertão,
avôa de boca um boca: —
“Eu prantei a minha roça!
“O tatú tudo comeu!
“Prante roça quem quizé,
“que tatú quero sê eu!”
Vassuncê sabe onde tá
os buraco adonde véve
os tatú infomeado?
    Tá nos palaço da Côrte
    dessa prução de ricaço,
    que fez aquele palaço
    cum o sangue dos diagraçado!

Vossa Incerlença pérciza
dizê prôs repubricano
que é pércizo tê cuidado!

Patrão!... Vassuncês tem tudo!...
Vancês tudo leva a vida
munto bem adivértida,
passeando lá de ôtrômóve

pula estrada da Avinida!!

Vancês tem rio de açude!!
Tem os doutô da Hingiena,
que é prá cuidá da saude!!
E nós?! Que tem?! Arresponda!!
No tempo das inleição,
que o tempo das bándaêra,
nós só tem uma cangáia,
prá levá toda a porquêra
dos doutô politicáia!

Sinhô doutô Conseiêro!
De lêzes eu não sei nada!...
Meu Dêrêito é a minha inxada!
Meu palaço é de sapé!
Quem da lêzes prá famia
é a minha bôa muié!
Eu sou frômado oito vez,
e sou tômbêm conseiêro,
pruqué tenho oito fiinho!
Quem dá lêzes prá minh'árma
é as dez corda deste pinho!

Vancê qué sê Perzidente!
Apois sêje, meu patrão!...
Nós já ficava contente,
se vancês désse prá gente
uns restozinho de pão!

A nossa terra — o Brazi —
já tem munta inteligença!!
Muntos hôme de sabença,
que só dá prá espertaião!!!!

O que nós pede é a Piadáde!!
É um tico de Caridade,
prá nós vivê, cumo érmão!!

Leve o diabo a falação!

Prá sarvá o mundo intêro!
abasta tê coração!
    Prôs hôme de inteligença
    trago cumigo esta *figa*!!

Esses hôme têm cabeça,
mas porêm o que é mais grande
do que a cabeça, é a barriga!!

    Vancé, quando faz sermão,
    fala munto im riligião!

Apois bem. Nosso Sinhô
que nasceu n'um prezepinho,
falava munto pouquinbo,
cum clarêza e cum amô!

Ele, o Doutô dos doutô
que era o êxêmpro da humirdade,

escuiéu prá seus apóstro,
entre os rico da cidade,
doze pobre, cumo Pedro,
que era um pobre pescadô!

E inté os pé desses hôme
o Cristo um dia lavou!!!

Seu Conseiêro, um consêio:
Dêxe toda a bibrotéca
dos livro, essa estupidêza,
vá estudá o Dêrêito
das lêzes, na Natureza,
vá vê cumo Deos é grande
e cumo póde ensiná
as coisa que um hôme sabe,
sem sê percizo estudá!

Vancê leva nestes livro
lendo e lendo a toda hora!
Mas porém eu só queria
cunhecê, seu Conseiêro,
o que vancê inguinóra!!!

E abasta! Já vou me embora.

Si um dia vancê quizé
passá uns dia de fome,
de fome e tarvez de sêde,
e drumi lá n'úma rêde,

n’uma casa de sapê,
vá passá cumigo uns tempo
nos mato do meu sertão,
    que eu hei de li abri as porta
    da choça e do coração.

Eu vórto prós matagá,
mas porém, ouça prêmêro.
Vancê pôde nos xingá,
nos chamá de madracêro,
pruquê nós, seu Conseiêro,
não qué mais sê bestaião.

Imquanto os hômé de riba
dexá nós tudo mazômbo,
e só cuida dos istômbo,
e só trata de inleição,
    seu Conseiêro há de vê,
    pitando o seu cachimbão,
    o Géca-Tatú se rindo,
    cuspindo, sempe cuspindo,
    óiando ansim prá vancê,
    cum o quêxo sempe na mão.

Eu sei que sou um animá!

Eu não sei mêmo o que eu sou!

Mas porém eu li agaranto
que o que vancê já falou,

e o que indá tem de falá,
e o que inda tem de inscrevê...
todo, todo o seu sabê,
e toda a sua saranha,
não vále unm palavrinha
daquelas coisa bunita
que Jesus, n'uma tardinha,
disse im riba da montanha!

VOCABULÁRIO

Brêdo — mato.
Fardunçage — reunião da muitas vozes.
Cangussú — onça.
Sanhasú — pássaro canoro.
Lêzes — plural de lei.
Mapiage — algazarra.
Cancão — pássaro comedor de frutas.
Zabelê — pássaro, cujo canto prenuncia chuva.
Jacutinga — ave de corpo esguio.
Urú — pequeno galináceo cor de rapé.
Burrada — tropa de burros.
Isturro — rincho.
Curió — avinhado (pássaro).
Madracêro — negligente.
Imbonecado — com espigão.
Acerar — cortar o matagal nas queimadas, para evitar a propagação do incêndio.
Istruviado — destemido.
Talento — força, coragem.
Pinho — viola.
Mazombo — triste, necessitado.
Saranha — palavreado.

BRAZ MACACÃO

BRAZ MACACÃO

A Alfredo Reis Junior.

Apois sim: se o seu doutô
nhô môço e seu capitão,
nhá dôna e seu coroné
e mais o patrão quizé
a minha históra iscutá,
não faço questã... E, inté,
posso agora cumeçá.

Digo a mêcê, dende já,
que eu levei a vida intêra
pulos sertão, a viajá.
Os sertão lá do Ceará,
de Pernambuco e Bahia,
Paraíba e Maranhão,
cunhêço, cumo cunhêço
os dêdo aqui destas mão.
Mas porém sou naturá
d'outras terra, meu patrão.

N'um rancho todo cercado
d'um roçadão de mandióca,
d'um grande mandiocá,

eu naci im trinta e nove,
na serra de Ibitipóca,
que é lá prás Mina Gerá.
Apois oitenta janêro
carrégo aqui neste peito,
que é um véio jiquitibá

Meu avô, Zé Tinguassiba,
o rêis de todo os violêro,
a mais pió tatajúba
dos cabra de arreinação,
foi tômbêm o mais surúba,
o mais grande cachacêro
que Deos butou no sertão.

Im Santa Cruz das Parmêra,
ao dêspois d'um desafio
c'um o João da Chica do Rio,
morreu numa xumbrêguêra,
cum a bôca n'um garrafão.

Que lá, no Rêno do Céo,
cum Jesus e a sua graça,
Deos o tenha e não li farte
c'um garrafão de cachaça.

Meu páe, um timbú veiáco,
chamado Manué Macaco,
tinha os pé rasgado e chato
e uma cara de bugiu!

Foi o caititú mais fêio
que no mundo já se viu.
Mas porém juro a vancê,
juro pulas cinco chaga
de Cristo Nosso Sinhô,
    que nunca se viu no mundo
    uma cabra gemê nas corda
    cumo meu pái, seu doutô.

Hôme séro cumo quê,
dansadô de recortado,
caxambú, catêrêtê,
    pimpaião que nem um galo,
    mais léve que uma penêra,
foi o ladrão de cavalo
mais honrado e arrespeitado
da Serra da Mantiquêra.

Era o orgúio da famia.

C'um tiro de bacamarte,
n'um Sertão lá da Bahia,
morreu quáge cum cem ano
n'uma vespra de Natá,
quando rôbava um piquira,
o mais férmoso da tropa,
que vinha prá Capitá.
Dando um bêjo no piquira,
dêu de ispóra no bichinho,
que azulou pulos caminho,

no avôo d'um isquipádo,
indo cai munto longe,
c'um o peito dispedaçado,
n'um pé de barbatimão,
e uma medáia de sangue
purriba do coração.

Que Deos o tenha no Céo,
prú muntos ano, a seu lado,
e São Jorge tome tento
cum seu cavalo, senão,
tá no fundão... tá rôbádo.

Vim prô mundo cum esta cara,
cum este carão de môno,
pruquê a Chica das Coivara,
a minha mãe, meu patrão,
foi a mais fêia das cara
que o tinhoso do capêta
mandou aqui prá este mundo,
que róda cumo um pinhão,
adonde eu fui bautizado
cum o nome de Macacão.

Se Deus não me désse o dão
de violêro afamanado,
e se não fôsse as muié,
eu já me tinha inforcado,
seu coroné, seu doutô.

Mas porêm... (Deus me perdôe!...)
tenho a viola e a garganta
que tanto e tanto cantou!
Tenho este peito, — o polêro, —
adonde, vendo uma franga,
d'aqui ou lá do sertão,
inda bate as aza e canta
um galo véio e fulêro,
que se chama: — coração.

Se não fôsse o galo véio,
— o coração — já se vê,
eu não teria matado
um hôme, no fim da vida,
que é essa a rézão da históra,
que eu vou contá prá vancê.

Rio Preto, Catinguêra,
Azulão, Pedro Japi,
José Maria, Aruêra,
Bêra d'Água, Bemtevi,
Sarvina, Chica Barróza,
Turbana, muié do diacho,
cantadêra que não tinha
arrecêio de hôme macho...
Jêrôme Junquêro, um cabra
cantadô cheio de brio,
que im São José das Piranha
morreu de repentemente,
cantando n'um disafio...

Esses violêro de fama,
que no Norte eu cunheci,
tinha sobrôço, nhô môço,
do meu *pinho vencedô*,
que dos meu tataravô
c'um orgúio arrêcebi

Cum perdão de quem me ouve!
Vendo um pedaço de sáia
dansando n'um miudinho,
meu coração, coitadinho,
firido, arrastando as aza,
chiava dento do peito,
taliquá cumo castanha,
quando se bóta nas braza.
(Cala a bôca, Macacão!
Cuntinúa a tua históra!...
Dêxa de sê bobaião!...)
Ói aqui, seu capitão: —
me faça agora esta conta
certinha... cum prefeição!
— Violêro dênde os quinze ano,
e de sete em sete dia,
tendo uma nova paxão,
cum sessenta e seis inverno,
diga vossa Sinhoria:
quantas paxão eu já tinha
no baú do coração?
Apois seu Braz Macacão
cum essa bagage pezada

de tanta dô incruada
dos amô, que tinha tido
pulas cabôca indiabrada
dos mato do seu sertão,
um dia deu de viage
prás banda de Pernambuco
cum esta viola assanhada,
prá se batê cum as viola
daqueles cabra do Norte,
que tem fama de chorão.
A rézão dessa fugida
da minha terra querida,
foi prá vê se era possive
me esquecê nas outras terra
de tanta paxão que eu tive
na terra onde fui nacido!
Véio já, pensei, nhá dona,
que, percurando outras banda,
nunca mais sofresse as magua
que prú via das cabôca
eu já tinha padecido!
Sem desfazê nos presente,
o diabo d'uma cabôca
— inda tâvá prá nacê
que me quizesse querê!
Apois bem. Ói vancê.
Tinha sessenta e seis ano
quando cheguei no Arricife,
c'uma sôdade danada
daquela Mina Gerá!

Vancê sabe que a sôdade,
que faz a gente pená,
é cumo a lua, que sempe
vai acumpanhando a gente
prá toda a parte onde vá.
N'um sertão de Pernambuco,
lá, im Pajeú de Frô,
eu vi a Xixi da Gróta,
a figa d'uma morêna,
bunita cumo os amô.
(Devo dizê a mêcê
que ánte de vê a Xixi,
já tinha andado maluco.
prú três ou quatro bichinha
que eu vi lá prá aquelas banda
dos sertão de Pernambuco).

Eu vi a Xixi da Grota
no rancho d'um violêro
chamado: — Zé do Assucêgo.
Ai!.. Seu doutô!... Que rabicho!
Ai!... Nhá dôná!... Que chamêgo!

Eu logo bispei que a bicha
táva cum os óio perdido
pulo Pedro Cumaé.
O Cumaé era um bóde
perrêngue e todo barrido,
que, sambando, paricia
que tinha musga nos pé.

Prá dizê cumo era linda
a Xixizinha da Gróta,
seu doutô!... Fárta a palava!...
Eu nunca mais vi, n'um samba,
uma cabôca marvada
sambá, cumo ela sambava!!!

Eu me alembro do vestido
cum que ela táva vestida
(Destas coisinha da vida
a gente nunca se isquéce).

Nhá dôna, o vestido dela
tinha a cô das fôia verde
das árve, quando aminhece.
A fita dos seus cabelo
era amaréla, amaréla,
cumo as fulô do argudão.
E a fulô que ela trazia
na cóva do cabeção,
era da cô da tristeza
do coração dos duente,
que sófre do coração.
As chinéla, as chinélinha,
era, sem tirá nem pô,
mimosa e piquininha
dois ôvo de bêja-frô.
O lenço, o lencinho dela,
seguro no cós da sáia,

era mais branco e arrendado
que a renda do lenço d'água
que a onda estende na práia!
Tudo nela era mimoso!...
Era lindo e incantadô!
O nariz era um biquinho
tão bem feito e ingraçadinho,
cumo o da *fôgo-pagou*.

Tinha, a carinha redonda,
que nem que fôsse uma bóla.
O corpo ansim tão bem feito,
cum as cadêra, arredondada,
paricia uma vióla!

Xinguei tanto esta viola,
cantei tanto aquela noite
esta toada sôdosa
prá cabôquinha iscutá,
que fiquei cum o céo da bôca
duendo só de cantá.

CANTO

"Xixi da Gróta!...
Eu já me perdi!...
    Já tôu perdido
    prú ti, Xixi!....
Xixi da Gróta!...
    Pruquê eu te vi,

si tu não gosta de mim,
    Xixi?

Eu sonhava esta noite
que a lua naceu,
e despois n'um suspiro,
entre as nuve morreu!
O capim mais mimoso
o veado comeu!
    Oh!...
    O veado comeu!...

    Côro

O capim mais mimoso
o veado comeu!

    CANTO

"Xixi da Gróta!...
Eu já me perdi!...
    Já tôu perdido
    prú ti, Xixi!....
Xixi da Gróta!...
    Pruquê eu te vi,
si tu não gosta de mim,
    Xixi?

Eu sonhei que eu sonhava
de um dia sê teu!...

E minh'arma assubindo

prô céo... se perdeu!...
O capim mais mimoso
o veado comeu!... Oh!...
O veado comeu!...

Côro

O capim mais mimoso
o veado, comeu!

Cantei tanto esta tuada
que o coração me duêu!

Mas porém..., Quá, meu patrão!
Era o Pedro Cumaé
o rêis do seu coração.

Cumo violêro e cantô,
o hôme podia sê,
quando munto... um piriquito.
Mas porêm... prá quê minti?!
Era um cabôco bunito!!

Seu capitão arrepáre
no que agora eu vou dizê: —
vassuncé, que é fêio e véio,
tempére as corda d'um *pinho*,
tóque e cante a noite intêra,
que vancê logo há de vê
que as muié fêia ê qué iscúta,
apois as muié férmoza

nem faz caso de vancê!!!
Só as fêia, as muié fêia,
é que aprêcia estas coisa
de cantoria, patrão.
Seu coroné: é um fenômico,
que ninguem sabe a rézão!!!

Xixi da Gróta sambou,
toda a noite sapatiou,
e nem uma vez, sómentes,
nem uma vez só me oiôu.

Quando o samba se acabou,
e eu ia me aritirando,
ela disse ansim, baxinho,
lá prô Pedro sarambê: —
“Crédo im Cruz! Váe-te, Capêta,
“que ele é feio cumo quê!”

Pegando a minha viola,
me atirei pulas istrada.
Limpa e azú, a madrugada
vinha brotando, facêra.
Na sombra das capuêra,
dando bom dia prô dia,
cunversava as juriti.
Prêta, cumo uma penúge
caída d’aza da noite,
uma graúna cantava
nos gaio dum tamburi.

Pulos canto da graúna,
jurei, jurei, sem temô,
que nunca mais eu havéra
de sê mêganha do Amô.

Butei cêbo nas canéla
naquele dia, patrão,
e lá me fui prô Ceará,
cum a bagage mais pezada
no baú do coração.

Nos verde lá do Ceará,
eu vi munta tentação,
munta, munta férmuzura,
mas porém logo alembrava
da graúna que cantava,
quando eu fiz aquela jura!

Mas porêm... ói o pecado!!
O isprito do coração,
que anda sempe atrapáido,
é um cabra discôronhado,
que eu não conheço, nhôr, não.

É farso cumo um ladrão!

Vêje lá, seu coroné.
Um dia, im Baturité,
fiquei outra vez chumbado!...

Andei de canto chorado
pulos óio arrenegado,
os óio d'outra muié,
que eu vi lá n'um casamento
d'um tá de Pedro Pinhé.

A cearênse era uma fia
lá de Quixêramubim.
    Era o dia... o dia... de...
    Nosso Sinhô do Bomfim.

Prú mando de seu Pinhé,
prá festa fui cunvidado
pulo um cabra famanado,
chamado — Juca Cumbúca,
um tocadô de viola,
namorado da cabôca,
que se chamava: — Inhatúca.

O cabra disfabriçado
me foi dizendo na cara
que prá um grande disafio
eu tava disafiado.

Sim, Sinhô! Mina Gerá
ia brigá cum o Ceará.

No dia do casamento,
e tômbêm do dsafio,
o Cumbúca, inda cedinho,

cum o tuim todo incebádo,
cantando pulos caminho,
passou pulo meu ranchinho,
cheio de róço e cum o *pinho*
nos seus braço alevantado.
Cheguei na porta do rancho,
e c'um sárva de párma
arrêcibi meu rivá,
que foi siguindo e cantando,
inté n'um capão de mato
o seu vurto se apagá.

No hora que no sertão
o aribú triste na noite
istende prú toda a terra
as aza cô de arcatrão,
tirei um são na viola,
e lá me fui caminhando
prá festa do seu Pinhé,
nestas corda puntiando.

Vassuncê qué me iscutá
o canto que ia cantando?
Ora, entonce, iscute lá.

Côro

"Que será,
se as muié me dexá?

CANTO

Que será de ti, meu peito,
que saluçando ficou,
dênde que a Xixi da Gróta
treidôra me abandonou!!

Coro

Que será,
se as muié me dexá?

CANTO

Que será de ti, viola,
tu, que já tanto chorou, se eu te abandoná, viola,
cumo ela me abandonou?!

Coro

Que será,
se as muié me dexá?

CANTO

Que será de ti, minh'arma,
se eu dexá de sê quem sou?!
Que será de ti, sôdade?!
Que será de minha dô?!

Coro

Que será,
se uma muié me amá?

Quando cheguei na portêra,
o sinhô Juca Cumbúca
já táva im pé, me isperando,
cum as barba de bóde macho.
Ante de intrá na tronquêra,
lavei os pé no riacho,
no capinzá inxuguei,
a mão do cabra apertei,
e quando na chôca intrei,
cum a vióla toda catita,
toda rosada de fita,
n'uma tuada bunita,
o noivo e a noiva sarvei.

CANTO

"Sarve os dôno desta casa,
sarve o seu Pédro Pinhé!...
Sarve o noivo e os pái da noiva,
que tem nôme de Isabé.
Sarve todo os cunvidado,
que vêio aqui prá forgá.

Sarve esse grande violêro,
João Cumbúca, meu rivá!
Deos estêje nesta casa
prá nós tudo abençuá".

Antonio Burro, um tropêro,
me dando n'uma canéca
três dêdo daquela aguinha

dos verde canaviá,
arrepitiu lá cum os outro:
— Prá nós tudo abençuá.

Entonce peguei no pinho,
e fui intrando a cantá.

CORO

“Eh! Bambêra!... Eh! Bambará!...
Meu coração tá sambando,
cumo um cravão a quêmá!
Quando a lua vem nacenio,
tômbêm samba o parmitá!

CORO

Eh! Bambêra!... Eh! Bambará!

CANTO

Óia a luz das estrelinha,
lá no céo tudo a briá!
É o Sinhô qué tá sambando,
e as estrela — a puêra a avuá!

CORO

“Eh! Bambêra!... Eh! Bambará!...

As caboquinha iscundia
as carinha prá se ri!...
Vancê já sábe o que era!!

— Era esta cara de môno,
— meu carão de sucuri!

Agora o que eu mais senti
foi quando vi meu rivá,
que era um cabrócha bunito,
cumigo se adverti.

Mas porêm... dexêmo lá,
que quem tem bôca é pra ri.

Pedro Pinhé, um cafuzo,
cum uma cô de porco assádo,
táva todo invrégonhado,
c'um camisão de riscado,
bruza e carça de argudão.
A noiva, que era bunita,
táva assentada do ládo,
cum um vestido derrengado
do mió madapôlão.

Prú viá de tá carçado,
dênde a minhã, seu Pinhé,
pra pudê sambá c'um a noiva,
tirou as bota dos pé.

O casamento, nhá dôna,
tinha gente cumo terra!...
Nunca vi tanta muié!!!
E cada quá, meu patrão,

de fazê um hôme santo
andá de fuça prô chão.

A cafúa do rocêro,
que era um cabra surumbamba,
táva cheia dos vizinho,
dos hôme e mais das muié
que vinhêro de dez legua,
prá dá de perna no samba.

A Verdiana, a Quininha,
a Imbê Corôa, a Chiquinha,
a êrmã da noiva, uma onça
chamada Maria Rita...
Seu capitão!... Seu doutô!...
Nhô moço!... Seu coroné!...
Quanta cabôca bunita!
Prá se sambá toda a noite
tinha inté muié de sóbra!
Nhá dôna!... a Maria Rita
era muié que, sambando,
ficava chêrando a cobra!
Mas porém a férmuzura,
a dôna daquela festa,
era Ela!... Era a Inhatúca,
que andava tirando linha
cum o tá de Juca Cambúca!
Eu juro prú Santo Antonio!
Quando avistei o demonio
da Inhatúca, aquela frô,

o juramento, nhá dôna,
c'um tiro dos óio dela,
caiu morto, e dispenado
cumo um tiê-sangue istrépado
cum o tiro d'um caçadô.

Outro chamêgo danado!...
Outra paxão, seu doutô!

Inhatúca éra fermosa
prá dá cabo d'um cristão!
    Arta, arisca, quando andava,
    vassuncê via uma êma,
    andando pulo sertão.
A bôca, rasgada e rôxa,
quando abria prá falá,
ja não paricia bôca!...
Paricia, toda aberta,
a chaga de Jesú Cristo
na frô do maracujá!
Se derramava no samba,
cumo a fulô da canéla
se abrindo dento dos ramo,
e cum os cabelo pintiado,
cumo a corôa amarela
do peito dos gaturamo!
Cum a camizinha mimosa,
a sáia sarapintada
d'umas ramáge de rosa
e cum os cabelo caido,

quando sambava, ispaiva
um ôrôma de gêma de ôvo,
um chêro de pano novo,
uma catinga chêrosa
da chita do seu vestido!

Ai, nhá dôna!... Ai, nhá dôninha!...
Vassuncê não sabe, não!...
Só quem sabe é meu patrão!...
— Um chêro de chita nova
é uma coisa dos diabo,
que faz má prô coração!

Arta noite, quando o galo,
lá nas mata saluçou,
meu rivá se alevantou,
e eu tômbêm me alevantei.
Ele a viola temperou:
eu a viola temperei:
    n'um banco ele se assentou:
    eu n'um baú me assentei:
foi ele quem cumeçou:
eu com a arresposta isperei.

Foi ansim que ele cantou.

CANTO

JUCA CUMBUCA

— Tempéra a tua viola,
— que a minha já temperei!
— Eu devo cantá prêmêro,
— pruquê te disafiei.

MACACÃO

“Eu venho de duas legua,
“prá via do teu chamado
“Vim cumpri as tuas órde,
“que eu sempe fora bem criado.

CUMBUCA

— Tu vêio de duas legua,
— caminhando, sempe a pé!!...
— Tu já tá véio e cansado!...
— Descansa, se tu quizé.

MACACÃO

“Sessenta e sete já tenho,
“mas porêm eu te agaranto
“que, se uma muié mandasse,
“eu caminhava outro tanto.

CUMBUCA

— Já fico te cunhecendo,
— cumo um véio proziadô.
— Eu nunca fui caminhêro,
— sou violêro e cantadô.

MACACÃO

“Se sou véio e tenho próza,
“não vim aqui prá prózá!
“Abre o peito e sórta o verso
“e vâmo as conta ajustá.
“Não sou d’aqui desta terra!
“Sou lá das Mina Gerá!...

CUMBUCA

— Eu nunca te pedi nada,
— pr’agora tú vim cobrá!...
— Se as conta é feita cum os verso,
— tu tem munto que pagá
— Eu já te disse, cabôco,
— que eu sou fio do Ceará!

MACACÃO

“Tudo o que eu perdê te pago!
“Vâmo lá!... Dêxa de chôro!
“Na cabeça eu trago munto
“dinhêro, se o verso é ouro.

CUMBUCA

— Dexa de próza, Minêro,
— váe cantá c’os aribú,
— que eu não vou cantá cum hôme
— fêio e véio, cumo tu!

MACACÃO

“Que tem a fiziúlústria
“cum a nossa impruvisação?!
“O feio véve na cara!...
“E o verso, no coração!

CUMBUCA

— Quem é que vê, sem tê pena,
— um galo véio brigando
— c’um galarote que agora
— os dois ferrão vem botando?

MACACÃO

“Tu tá falando a verdade!...
“Tu não tá mintindo, não!...
“Tu tem crista de frangote!...
“Cuidádo cum os esporão!...

CUMBUCA

— Se a briga é só cum as viola,
— do esporão nõo me arrecéio.
— Com um frango canta outro frango:
— c’um galo véio, — outro véio.

MACACÃO

“Quando é musgo, um galo musgo,
“imquantó a voz não perdê,
“só c’um outro galo musgo
“é que pôde se batê!

CUMBUCA

— Tú póde insurtá, Minêro,
— que hôme véio eu não dizánco!
— Eu tenho os cabelo preto!...
— Tu só tem cabelo branco!...

MACACÃO

“Qué dizê que essa cabeça
“não tem luz prá inluminá!...
“E a minha ficou tão branca,
“que inté parece o luá!

CUMBUCA

— A véice é cumo a lua,
— que tem a luz munto fria!
— E a mocidade, Minêro,
— é a luz do Só, que é do dia.

MACACÃO

— Seu bobaião!... Me arresponda: —
— quando o Só cumeça a ardê?!
— É quáge à boca da noite,
— quando tá quáge a morrê!!

CUMBUCA

— O coração é a viola
— do peito dos violêro!...

— E o teu coração, cabôco,
— tem quáge oitenta janêro!

MACACÃO

“Tem quáge oitenta janêro
“e tá quente, cumo o Só!
“A viola, quando tá véia,
“é quando fica mió.

CUMBUCA

— Cabôco!... Dêxa de próza!...
— Dêxa de próza, Minêro!...
— Eu sei que o teu coração
— é um galo véio e banzêro!...

MACACÃO

“Mas porêm, vendo um franga,
“bate as aza no polêro!...
“Canta, cumo um galo novo,
“vendo um outro no terrêro!

CUMBUCA

— Tu tá perdendo o teu tempo,
— e as muié já qué sambá!
— Nhatúca é uma frô bunita,
— que não é pra tu chêrá!

MACACÃO

“Sei que Inhatúca é uma rosa!...
“Sei que tu é um bêja-frô!...
“Sei que eu sou um pásso véio!!!
“Um sabiá cautadô!!
“E a frô só guarda, serena,
“a doçura do seu mé
“prô pásso rico de pena,
“prô bêja-frô, tão galante,
“que é pobre, cumo um briante,
“e é um burro, cumo tu é!”

No fim deste pé de verso,
sortando uma gargaiada,
o violêro, o seu Cumbuca,
que era pobre de cabeça,
mas, porém, rico de perna,
lá foi sambá c’um Inhatúca.

Mangando da minha cara,
cutucando uma nas outra,
de mim se ria as muié!
Só duas, seu coroné,
duas muié, munto fêia,
parece que não se riu.

A móde que um pingo d’agua
inté dos óio caiu!!

O samba istórou e, entonce,
intrando naquela hora

uma prução de violéro
acumpanhando um gaitêro,
cumeçou todo a tocá.

Não tinha mais que isperá!

Proveitei a barafunda
daquela intrada dos musgo,
prá pudê me arritirá.

Quando já táva lá fóra,
e, pula aberta dos mato,
eu vi a rosa Inhatúca
cum o bêja-frô a sambá,
sinti ansim cumo um ingúio
prá querê me sufócá.

Pulas fôia do ispinhêro
que vinha aos pouco se abrindo,
podia logo se vê
    que a minhã não táva longe...
    Não tardava a amanhecê.

No minguante àquela hora,
no cacurúto da serra,
um fiapinho da lua,
munto fininho... fininho,
nacia cumo uma fôia
d'arguma rosa amarela,
que vêio se disfoiando

lá do céo, pulos caminho!!...

Pulo prêmêro suspiro
que a lua dáva prôs mato
daquela serra, a nacê,
supriquei a Deos, de juêio,
que eu ficasse cégo, cégo,
se eu dêxásse mais um dia
uma muié me vencê!
Na tarde daquele dia
dei cumigo de viage
prás terra da Paraíba...
lá prôs sertão... já se vê.

Mas porêm... já tôu cansado
de falá, seu capitão.

Peço agora prémissão
prá vassuncês me isperá
um tiquinho, inquanto eu vou
c'úm trago de manduréba
os grugumio móiá,
prá despois, cum mais corage,
entonce cóntinuá.

II

No dia de Santo Antonio,
eu cheguei na Paraíba,
que é a terra dos coquerá.

Quanta morena xirúba,
que inté os óio da gente
duia, de tanto óia,
eu vi im Campina Grande,
Itabaiana e Pombá!

Sindóca!! Lulú!... Frôzinha!..

Pul'essas três cabrocinha
o coração andou mêmo
n'um disispêro imbeiçado!
Mas porêm, patrão!... Cum Deos
nem prú brinquedo se brinca,
que o juramento é sagrado!
Patrão!... Meu Patrão!... A gente!....
Sem querê!... Um dia!... Sente!...

É a tal história, patrão!...

Deos do céo é munto bão!...

Vêje só!!... N'uma treição...
n'um instantinho... n'um momento,
o amô varando este peito,
deu cabo do juramento
e iscurraçou a rézão!!

Agora, diga, arresponda: —
que curpa eu tenho, patrão?!

Perto de Campina Grande,
foi que eu vi essa cabôca,
que tinha o nome de Isbéla!

Não foi Deos quem me cegou!...

Foi ela, patrão!... Foi ela!!

A Isbéla, o diacho moreno,
já passava dos cincoenta
bem puxado, sim, sinhô!!
Já tinha os cabelo branco,
cumo a frô da laranjêrá!
Mas porêm era sortêra!...
Sortêra, sim, seu doutô!...

Essa matintapêrêra
só o Capêta é que inventou!

Era um dia de função,
uma bautizado, na casa
do Chico da Encarnação.

As muié, no copiá,
paricia um frumiguêro,
que a chuva vem assanhá!
Quando uma se desmanchava,
no *côco* a redôpiá,
a lua no céo parava,
e lá do céu atirava

suas rosa de luá!

Meu patrão!... Eu pintiava
os cabelo da viola,
cum tanto carinho e amô,
e a cabôca nem me óiava,
nem falava, nem sambava!...
Táva triste!... Sempe triste!...
Sempe triste, sim, sinhô!!

Vassuncê qué vê, nhá dona,
um quebranto arrenegado,
que mata e que não tem cúra!?
É um hômem criá chamêgo
pu'uma muié madura,
que um dia foi tão férmosa,
que inté as garra do tempo
arrespeita a férmuzura!!!

Sube despôis, seu doutô,
que ela amava um cangacêro,
que se foi d'aquelas terra
e nunca mais lá voltou.

A cabeça toda branca
prá banda do coração
cumo uma frô discaindo,
paricia ansim tão branca,
a frô da noite se abrindo!

A cara, cheia das ruga
dos ano, que não perdôa,
parecia uma lagoa,
quando o ventinho da tarde,
cum a frô das água brincando,
passa pula frô das água,
e as água váe inrugando.

Nhá dôna, a cabôcla Isbéla
tinha a péle tão chêrosa,
que paricia a mangaba
já passada de madura,
que é quando tá mais gostosa!

Quando falava, nhô moço,
cantava, ansim como canta,
de tarde, chamando chuva,
lá nos mato, os zabelê!

E a bôca, e a bôca, nhá dona,
que paricia um suspiro,
que táva sempe a gemê,
e cumo aquele bêjo,
da noite bêjando a ôróra,
quando aminhéce a chové.

Os dois óio da serrana
era duas rosa murcha,
que despois de munto tempo
a gente incontra no fundo

d’um baú, cumo guardou,
mas porém arrecendendo
um chêro sêco de morte,
que tarvez sêje inda um sonho
da mocidade da frô!

Já vinha nacendo o dia,
quando, triste, ela saia
da festa, prá casa dela!
Era triste, mas porêm
toda alegria da festa
era a tristeza de Isbéla!!

Saiu sozinha! Eu, sozinho,
lá me fui pulos caminho,
derramando na vióla
esta tuada, atraz dela!

CANTO

“Teu rosto chêra,
cunho um gáio de alicrim!
Tu é facêra!...
Tu qué dá cabô de mim!...

Tu é mimosa,
cabôca, meu bem!
Frô mais chêrosa
no mundo não tem!!...
Vem! Amachúca!... Amachúca
no chão,

meu coração!

Eu sou juruti perdida,
gemendo de amô,
cá no meu sertão!!
Minh'arma ficou firida,
pruquê tu firiu
este meu coração!

Chora a viola,
como chora a ribaçã
quando consola
a tristeza da minhã!

Tu é mimosa,
cabôca, meu bem!
Frô mais chêrosa
no mundo não tem!...
Vem! amachúca!... Amachúca
no chão,
meu coração!"

Eu só dêxei de cantá,
quando ela im casa chegou!

A casa onde ela morava,
dava a gente uma alembrança
d'um brinquedo de criança.

N'uma bibóca da serra,

bêjada pulo um regato,
paricia aquela casa
uma frô feita de terra,
sonhando dento dos mato.

Passando as mãos pulas trança
da cabelêra de páia
do ranchinho de sapê,
um assoprozinho da aráge
cantava pulas foiáge,
cumo um saci-sêrêrê.

Isbéla, abrindo a portinha
daquela casa pequena,
se assumiu destes meus óio,
cumo, de longe, um adeus,
sacudindo as suas pena.

Ai, véia dos meus pecado!
Garrei de novo o insturmento,
varejei pula portêra,
e, n'uma pedra assentado,
debaxo das aza verde
d'uma jaboticabêra,
disfôiéi toda a minh'arma
neste acalanto maguado.

CANTO

"Cumo tão férmosa e linda
a minhã vem a rompê!

Abre a jinela da choça!...
Vem um adeus me dizê!...
Cumo tão férmosa e linda
a minhã vem a rompê!

N'uma minhã, tão cherosa,
cum os passarinho a brincá,
cumo é gostoso uma bôca
cum sintimento bejá!
N'uma minhã tão férmosa,
cum os passarinho a cantá!!"

No fim deste pé de verso,
ela chegando a jinela,
vrêmeia, cumo uma rosa,
disse ansim: — Que cara feia
n'uma minhã tão férmosa!!

Na ingreja daqueles mato,
naquela minhã cherosa,
não jurei, pruquê eu sabia
não sê percizo jurá!

Era a úrtima muié
que me fazia pená!
Agora nem o Tinhoso
me fazia neste mundo
outra vez me achamegá!

Setenta e nove janêro

carregava eu neste peito,
que é um véio jiquitibá.
Na noite daquele dia,
eu dêxei Campina Grande,
e prós sertão da Bahia
intrei logo a viajá.

Seu doutô, quantos chamêgo,
quantas paxão de arrilia
pulas cabôca dengosa
de Sergipe, Isprito Santo,
e essa terra da aligria
essa mulata sestrosa,
que é a sua terra: a Bahia!

Seu coroné: minha históra
nunca mais acabaria.

Abasta só li contá
a paxão mais disgraçada
que me fez sofrê patrão,
dez ano n'uma prizão!!!

Fazia duas sumana
que este seu Braz Macacão
tinha chegado do Norte
das viage lá dos sertão.
Quando se deu este caso,
já táva perto de Mina,
na minha terra, patrão.

Magine que esta cabeça
já táva toda isfiápada
de fiapo de argudão!

Agora, iscute vancê.

Foi num dia de Sant'Anna,
na chôça d'um caçadô:
chamado — Manué Praquê.

Rébéca, fráuta, pandêro,
crarinêta, violão,
um bandão de cavaquinho,
uma prução de violêro,
um ófiscride, um gaitêro,
que era um cabra mêmo bão;
caxambú, samba do Norte,
miúdinho, catêrêtê,
nada fartava na festa
do caçadô — seu Praquê.

Outro amô!... E o que é pió,
outro amô discunxavado!...

Mas porêm... quem o curpado?!

Deos!... Só Deos, seu capitão!

Cumo Deos, sendo tão bão

faz uma cabeça branca
prá servi de mangação?!

Eu li digo, sem sobrôço,
a rézão, seu coroné: —
é pruquê Deos morreu moço,
munto moço e munto louro,
cum os cabelo cô de ouro,
sem amá uma muié!

E alem disto, é uma verdade
que eu já disse e que arrepito:
Jesus, o fio de Deos,
foi hôme e hôme bonito.
Pulas chaves que São Pedro
traz infiada nas mão,
eu juro que não quebrava
o juramento sagrado,
se Deos não tivesse feito,
aqui, dentro deste peito,
esta viola de carne,
que se chama coração.

Um hôme, cum oitenta ano,
que tem a “viola” incordoada,
sem uma corda quebrada,
cumo o seu Braz Macacão,
pôde jurá toda a vida
prú tudo que ele quizé,
que o dôno dessa “viola”

não é Deos nem o Capêta!
É o diabo da muié!!!

Naquele catêretê,
cum o cantadô mais falado
me istripei n'um desafio
do Morro da Cataláia,
que é lá no Estado do Rio.
Esse cabra adoradô
da fermuzura, cumo eu,
se chamava — Zé Xôfreu!

Sintindo agora outro amô,
e vendo, seu capitão,
que eu táva discunjurado,
perdido, sem sarvação,
me garrei cum a Mãe de Cristo,
cum a Santa Virge Maria,
cumo se fosse um murcêgo!
Quando entra rabo de saia,
não se pede a Jesú Cristo,
que andou aqui neste mundo,
sem tê sintido um chamêgo!!

Ói!... A Virge perdoôu!

E eu li juro, sim, sinhô,
que esse perdão não ispanta!

Im vez de Santa Maria,

o nôme dela era ansim,
meu patrão: Maria Santa!

Zê Xofreu tinha vinte ano
e eu tinha setenta e nóve!
Agora, prá cumpará
a viola dele cum a minba,
era cumo uma andorinha,
cantando cum um sabiá!

Era férmoso e impenado,
mas porém, im três minuto,
despois de abri a garganta,
dizendo uns verso abobado,
eu disse um verso baxinho,
mas porêm, tão acertado,
que o mazarcão tarambéla,
dexando a viola do lado,
fugiu, desavregonhado,
e lá foi sambá cum ela!

Os musgo entonce gritando: —
“Fóra!... Fóra o trapantão!...”
introu tocando a rébéca,
a crarinêta, o ôfiscride,
a fráuta, a gaita sapéca,
im louvô do Macacão!

As muié não tinha uvido
aquele verso, patrão!

No meio de tantas cara,
não tinha uma cara feia!...
Vancê me intende!... Apois não!

Agora, cum os réco-réco,
a gaita, a fráuta, as viola,
e os cavaquinho pachóla,
rolava o cateretê!

Maria Santa, que ainda
não tinha dezáseis ano,
currupiava e sambava,
que mecê nem póde crê!

Não era ainda galinha!...
Já não era mais pintiunha!...
Era!... Era!. . Seu doutô!...
(Cum perdão de quem me ouve!...)
era uma franga, que tava
já se aninhando prá pô!

Quando eu vi aqueles óio,
não sei dizê, não, sinhô,
se o que eu sentia aqui dento
era friage ou calô!
Apois, dento deste peito,
o coração, a batê,
táva ansim cumo uma estrela,
quando tem febre, a tremê.

Dento daqueles dois óio,
qué vancé creia, qué não,
cantava todos os pásso,
que tem no Norte e que canta
nas mata do meu sertão.

Nhô moço!... Seu capitão!...
A dô mais grande, a disgraça
da dô de todas as dô,
é um véio criá chamêgo
pul'uma cabrochazinha,
cumo essa Maria Santa,
que a minh'arma isbandaiou!

Nhá dôna!... A Maria Santa
de tudo era o — *ai Jesus!*
C'um vestidinho incarnado
e os braço abérto prôs lado,
taliquá feita uma cruz,
ia sambando e dêxando
no lugá que ela passava,
— um chêro quente de fôgo
— e um gôsto fresco de luz.

Nhá dôna, aqueles cabêlo,
que tinha tanta frêscura,
era mais preto, nhá dôna,
que o fundo das sipurtura!

Vassuncê não via a boca!

Apois, naquele lugá,
só se via, noite e dia,
uma coivára a quêmá!

E ela ia!... ia!... ia!...
E, quando já se assumia!...
quando, longe, se perdia,
lá, no terrêro, a sambá,
parecia que a cabôca
era ansim cumo um suspiro
que sáe do peito da gente,
e vae-se embóra, a avuá!...

Déus do Céo! Núm intrevisto,
Xinguei Jesus, Jesus Cristo
Nosso Pai, Nosso Sinhô
e logo n'outro intrevisto,
me agarrei na siricáia
do Santo Rabo de saia
da Santa Virge Maria,
que é Nossa Mãe, Seu doutô!!!
Ela, que é Mãe, é que cura
toda as duença do Amô!

Entonce, rasguei o peito,
e comecei a cantá.

CANTO

"Bôca de estrela,
que Deos fez só prá briá

Arma de rosa,
que tem rosa inté no oiá!

CORO

Uê!.. Uô!... Uê!... Uá!...
Arma de rosa,
que tem rosa inté no óiá!

CANTO

Bôca vremêia, cumo as pena do tiê!...
Nariz de frô!... Coração de Caxinguelê!...

CORO

Uá!.. Uô!... Uá!... Uê!...
Bôca vremêia, cumo as pena do tié!

CANTO

Corpo de abêia, cum dois pé de arapuá!...
Papo de rola, quando come inté fartá!...

CORO

Uê!.. Uô!... Uê!... Uá!...
Ôiá de onça e coração de sabiá”

O Zé Xôfrêu, inciumado,
cum os ôio disbugaiádo,
passou as mão no tupéte
dos cabelo pixãim,
pegou no *pinho*, e o safado

cumeçou cantando ansim: —

“Violêro bão é o violêro
    da Fazenda!
Quando o patrão tá im casa,
    o violêro tá na venda.”

O cabra teve uma sarva
de párma das caboquonha,
e dos hôme dansadô!
Maria Santa arrancou
a frô que tinha no peito,
e deu prô cabra a fulô.

Os musgo entonce gritando:
“ Macacão! Eh! Macacão!!...
“Sustenta agora o motivo!...
“Segura esse mafião!...”

Eu, entonce, arrespondi: —

CANTO

“Violêro bão é o que só sabe dansá,
— e se vai metê na venda,
prá mió se incachaçá”.

Agora, sim, meu patrão!
O Zé Xôfrêu, incobrado,
cum os óio dispipocado,
puxou de dento do couro

a *cala bôca* ispeiáda,
prá me dá uma fisgada!

Vendo a morte ali, presente,
eu fiz prô bicho uma figa,
e dando um pulo prá frente,
miti-lhe o caxêrenguêngue
na paquêra da barriga!

Matei o cabra, seu môço,
pulo acaso!... Sem querê!...

Matei um hôme, nhá dona,
prú via de quê? De quê?!

Do mardito galo véio,
do coração martratado,
cum perdão de vassuncê!!

Andei três mez iscundido,
nos côvôado das serra,
nas gróta iscura, nas terra
de dento dos capuerão,
inté que um dia fui prezo
pulos gafônha, os méganha,
prá sê trancado dez ano
na inháca d'uma prizão.

Peço agora prémissão
prá não falá nesse tempo

que eu tive lá na prizão.

Isso já não tem valô!...

Seu doutô faça de conta
que dez ano já passou!!

Faça de conta, outra vez,
que eu, honte, de minhãzinha,
despois da pena cumprida,
me alibertei do xadrez.

Lá do xadrez, da bibóca,
regressei prá minha terra.
a serra de Ibitipóca.

Ai! Despois de tantos ano,
eu ia matá, nhã moço,
a afobação da sôdade
de vê aqueles caminho
cumo o cavalo, viajando,
cum três dias de secura,
mata a sêde na frescura
das água d'um riachinho!

Tinha dexádo a viola
cum o Chico Tinguá, o pái
do Zé Coró — meu cumpade.
Prá falá toda a verdade,
seu coroné, meu cumpade

me oiôu, e não cunheceu!

Vêje cumo vortei eu!!

Despois de muntos abraço,
eu preguntei: — Quéde o Chico? —
Cumpáde disse: “Morreu!”
— E a Sarafina? A Caxiga? —
“Serafina tá casada!
“A outra morreu prú móde
“dum nó que deu na barriga!”
— Joaquim dos Santo inda véve?
—Que é feito de Zé Mundipra?
“Joaquim dos Santo morreu
“de coisa feita” — E o outro? —
“Morreu prú via da ezipra”.

Nisto, chegando o *Rapoza*,
véio, trôpo e já sem dente,
que nem um cão paricia,
eu inguli as prégunta
que prô cumpade fazia.

Cumpade entonce me vendo
que eu táva triste, falou:
“Tu hoje qué hi n’um samba
“onde tem muntas muié,
“im casa do Chico Frô?”
— Vai buscá minha viola —
arrespondi prô cumpade,

cumo quem nada iscutou.

Muié!!? Muié!? Seu doutô!...
Isso é lá cum o coração!...
Ele é quem sabe essas coisa
e lá se intende com a dô
Quando o cumpade vortou
cum a viola toda cinzada
de poeira e teia de aranha,
sunti uma dô tamanha,
que inté nem posso ixpricá!

Chico Tinguá me istranhava!
Nunca me viu eu chorá!

Naqueles tempo, nhá dona,
cúm as corda daquele *pinho*,
e os grugumio moiando
de vez im quando nó suco
dos verde canaviá,
discunjuntei munto cabra
dos sertão da Paraíba,
de Pernambuco e Ceará!

De minhã, minha viola,
alegre e passarinhêra,
cantava que paricia
essa cabôca facêra
dos mato: — a *Maria é dia*.
Se era de tarde, fingia

a sabiá laranjêra
que chóra uma tarde intêra,
gemendo, que mete dó!
Agora, à boca da noite,
quando o Só se adispedia,
nhá dona, as corda gimia,
cumo a inhambú chororó!

Mas porêm, naquelas noite,
cumo só tem minha terra,
quando a lua, lá na serra,
chêrando a muié nacia,
não sei se as corda cantáva,
se chorava ou saluçava,
pruquê, patrão, a viola,
vendo a lua... indoidicia!

Prá matá tanta sôdade,
de juêio, naquela hora,
eu dei um bêjo na boca
da viola, seu capitão!
O dia vinha morrendo
im todo aquele sertão!

Lá, prás banda adonde o Só
merguiôu, quêmando o incenso
das nuve branca do céo,
na úrtima Ave-Maria,
parece que aqueles monte,
ansim, de pé, cumo táva,

ispiava, óiando arguem
, arguem que os monte isperava,
e àquela não via!!
Sempe a muié, meu patrão!

Apois, quem era a muié,
que im riba daquele monte
tão fermosa aparicia!?

Era morena e parece
que táva um pouco inciúmada,
pruquê trimia... trimia!

Quem era, patrão, quem era?!

Não sabe? — A Estrela da tarde,
que munto longe nacia!

Há tanto tempo que o céo
do meu sertão não me via!

Naquela noite o iscampado
lá do céo do meu sertão
ficou de todos os lado,
todo crivado, crivado
de tanta inluminação,
que eu li juro, meu patrão,
pula minha sarvação,
que dêndê que eu me intendi,
um céo tão inluminado,

tãi estrelado, estrelado,
como aquele, eu nunca vi!!!

Tinha tanta, tanta estrela,
tanta pontinha de véla
lá no céo, todo acendido,
que eu pensei, naquela noite,
que aquilo tudo era o interro
de Deos, que tinha morrido!

Apois foi naquela noite
que eu me arritirei prá sempe
das terra do meu sertão!

E aqui findou toda a históra
do grande Braz Macacão.

Se eu hoje ficasse cégo,
eu li dizia, patrão,
um a um, todos os nome
dos sertão prú donde andei,
só pulo chêro das árve,
pulas cunversa dos pásso,
que tanta vez iscutei.
Pulo toque dos violêro,
triste, alegre ou gemedô,
eu dizia o nome todo
do violêro ou cantadô.

Se eu bejásse agora mêmo

uma só daquelas boca,
despois do bejo, eu dizia
todo o nome das cabôca.

E pulo bêjo chêroso,
eu havéra de dizê,
cum os dois óio bem tapado,
    o dia, a hora e os mato
    prú donde ela tinha andado!

Sempe a muié!... A muié!...

Vancê sabe que essa bicha
não dêxa o diabo dum hôme
neste mundo assucégá!...
Ela!... A muié, seu doutô,
é taliquá cumo o Só,
que vae seguindo cum a gente
prá toda parte onde vá.

Meu patrão!... Seu coroné!...
Nhô moço!... E mais seu doutô!...
Nhá dona!... Seu capitão!...

    Vassuncês diga o que é
    um coração de hôme véio,
    que quanto mais véio fica,
    mais aprecêia a muié!

Vassunscês ri?! Falo séro.

O coração do ôme véio
é um burro véio trotando,
d'aqui, dali trupicando
na derradêra viage,
que faz lá prú çumitéro,
    comendo pulos caminho
    uns resto seco de espinho
    que vae topando no chão,
bebendo uns pingo de orváio
dos óio — as duas cacimba
da fonte do coração!...

Im riba d'uma cangáia,
duas muié carregando
cum o pezo todo da idade:
uma, já morta: a Esperança,
outra, inda viva: a Sôdade!...

Inté caí cum a Esperança
e o cadáve da Sôdade
e os fruto podre dos ano
que ele leva nos jacá,
prá arrecebê, afiná,
    o bejo de amô da boca
    da namorada dos véio,
que toda magua alivia/
que toda a pena consola!...
A Morte, patrão, a Morte!!
    Essa cabôca fié!!

Muda!... Surda!... Cega e fria!
Que ao despois de uma viola,
é a mais mió das muié...

VOCABULÁRIO

Tatajuba — planta urticácea.
Arreinação — arrelia.
Surúba — valentão.
Xumbreguêra — bebedeira.
Timbú — animal feio e mal cheiroso.
Caititú — porco selvagem.
Recortado, caxambú, cateretê — danças.
Pimpaião — galante.
Piquira — cavalo pequeno e de raça.
Barbatimão — árvore leguminosa.
Capêta — diabo.
Perrêngue — teimoso, desordeiro.
Fogo-pagou — pequena juriti, que, cantando, diz essas duas palavras.
Reis — rei.
Sarambé — parvo.
Meganha — soldado.
Tuím e pixãim — cabelo de preto.
Róço — orgulho.
Tronquêra — cancela.
Sucurí — cobra venenosa.
Derrengada — esparramada.
Madapolão — morim.

Cafúa — choça.
Tirando linha — namorando.
Banzêro — moleirão, estúpido.
Fiziulustria — fisionomia.
Xirúba — faceiro.
Matintaperêra— ave que canta à noite.
Saci-sererê— ave, cujo canto imita o seu nome.
Tinhoso— diabo.
Mafião— cobarde.
Tarapantão— muito falador.
Arapuá— abelha grande.
Cala-boca— faca.
Caxêrenguêngue— faquinha.
Cavado— cova, buraco.
Capoerão— mata.
Gafonha— soldado.
Inháca— mau cheiro.
Ezipra— erisipela.
Pabola— mentiroso.

ASSOMBRAÇÕES

ASSOMBRAÇÕES

A Raphael Barboza.

Não se ria, meu patrão!
im dia de sexta-fêra,
não se deve andá de noite
nos mato lá do sertão.
Apois, n'uma sexta-fêra,
eu sai cum o Zé Texêra,
um cabôco amarelão
e a cuja muié do dito,
prá sambá, n'uma fonção,
im casa do Piriquito.

A casa ficava longe!

A noite táva mais preta
que um carôço de fejão.

Quando nós ia quebrando
o mato arto da estrada,
nós uvimo um assuvio
prás banda da incruziada.

Era ele!... Eu já sabia!...

Ninguem ansim assuvia
pelos mato, àquelas hora!

Era ele, meu patrão!
Era o isprito do cabôco,
que a génte chama; *Caipóra!*
Mas porêm o Zê Texêra,
que só queria sambá,
Jurava pulos dois óio
que aquilo tudo era o vento
nas fôia dos matagá.

De repente, a gente isbárra
c'um mardito caititú!

O diacho do cabôquinho
tinha uns óio inda mais preto
do que o rabo do aribú

O *Caipóra*, meu patrão,
que é o mais grande caçadô,
não é máo!... É muito bão!
Se ele arrecebe um favô
do caçadô do sertão,
não háy caça mais que escape
do tiro do caçadô!

Agora, se o que ele péde,
o caçadô não li dá,

póde atirá, cumo quêra,
que nunca mais caçará.

Apois bem. O cabôquinho
pediu fumo prô Texêra
e, despois, fogo prá mim!

Eu, que táva apreparado,
Abrindo o meu patuá,
dei logo prô renegado
um rôlo de mapinguim.

Quando acendeu o cachimbo,
distampou numa risada,
e lá se foi na carrêra,
prás banda da incruziada.

Se eu não tivesse trazido
fumo e fogo prá acendê,
ele fazia na gente
tanta cósca, tanta cósca,
inté a gente, se rindo
de tanta cósca — morrê!

Nós inda uvia o assuvio
do *Caipóra*, do Tinhoso,
que lá prá longe se foi,
quando, do mato, tampado,
saiu um bicho afobado,
urrando que nem um boi!

O animá, de quatro pé,
passou prú perto da gente,
n'uma carrêa inferná!
Os berro que ele berrava
inté fazia os cabelo
prá riba se arripiá!

Eu já sabia, patrão,
o que era aquilo!... Apois não!

Vancê não ria, patrão!

Era uma *Mula de Pade*!

Era o isprito da muié...
da Chica!... A minha cumade,
que as boca lá do sertão
dizia que tinha sido,
im vida (Deos me perdôe!!)
— a muié do Capelão!

Era a cumade virada
n'uma *Mula sem Cabeça*,
que vinha pinoteando,
sartando, corcoveando,
no meio das babatão!

Cruz im crédo, meu sinhô!
Eu fiz o *pulo siná*

e rezei uma oração!!

E o diabo da árma penada
lá se foi, dando patada
e urrando, dizimbéstada,
de arrebentá os purmão!...

Não se ria, meu patrão!!
Não se ria, pruquê a históra
não chegou inda no cabo!

A noite de sexta-fêra
é uma noite dos diabo!!
Escute agora, seu moço!

A gente fumo seguindo
pulos caminho móiádo!...
A casa do Piriquito
táva longe inda um bocado.

Eu sentia cá nos bófe
esse frio de pavô,
que toda a arma penada
vae dêxando onde passou.
Eu sempe discunfiei
do Texêra — o amarelão!

O cabôco era amarelo,
cumo a fulô do argudão.
E era certo o que eu pensava

cum o sêsso do coração.
Vancê tá rindo, patrão?!
Vancê ri, pruquê não sabe
que coisa é uma assombração!!!
Ói!... A gente travessava
uma pequena pinguéla,
prá segui pula varêda
do *Buraco da Panéla*,
quando o Texêra aparou,
e ansim prá nos dois falou:

"Vancês espere um momento,
"que eu vou aqui!... Vórto já":
E introu no brêdo e se pôs-se,
como um cavalo, a ispojá.
Nú im pêlo, o Zé Texêra,
o raio do curibóca,
si ispaiava pula terra,
taliquá galinha chóca!!

Despois, rompendo dos mato,
fuçando de quatro pé,
meteu os dente, inraivado,
na saia azú da muié!

Ao despois, dando um gemido,
dezimbéstou pulos mato,
que inté os mato assustou!

Foi correndo!... Foi correndo!...

Inté que n'uma baxada,
n'um cacimbão se afundou!

Eu não sabia, patrão,
que o homem que tem a cô
como gente que não come,
vira sempre Lubizôme.

Eu só sei que lás prás tanta,
com um luá munto bunito,
    quando o samba táva quente
    im casa do Piriquito,
o dia do impalamado
chegou na festa ispantado
óiando e rindo prá gente,
trazendo uns fiapo de pano
da sáia azú da muié
garrado ainda nos dente!

Quando a Maria Naváia
tirou ele prá dansá,
o cabra, a se ganziá,
pulando cumo biscáia
que não se dêxa amuntá,
passando perto d'um hóme
cum os cabelo assaranhado
e uns carrapicho ispetado
na furquia dos bigode,
sempe a samhá, a sambá,
    ia sortando atraz dele

uma murrinha de bóde,
que foi um *Deos nos acuda*
de todo o mundo ispirrá!!!

Vancê póde ri, seu moço,
não crendo no que eu li digo,
jurgando que é brincadêra.
Eu é que não sou mais burro
de andá no meio dos mato,
im noite de sexta-fêra.

VOCABULÁBIO

Caipóra — ente fantástico.
Caititú — mamífero paquiderme.
Patuá — bolsa.
Mapinquim — fumo de rolo.
Tinhoso — o diabo.
Tampado — fechado.
Afobado — anciado.
Mula Sem Cabeça — alma de uma mulher transformada nesse monstro.
Babatão — fogo fátuo.
Sêsso — juízo, pressentimento.
Pinguéla — pau servindo de ponte.
Brêdo — mato.
Caribóca — mestiço.
Desincantado — homem outra vez como era.
Cacimbão — buraco fundo n'um despenhadeiro.
Carrapicho — espinho de várias plantas.
Assaranhado — embaraçado.
Ganziá — mover-se como o ganzá, quando é tocado.

A JUSTIÇA DO CRIME

O criminoso, preso há dois dias, em pleno sertão, é apresentado à autoridade, a quem vai falar, explicando a razão dos seus dois últimos assassinatos.

A JUSTIÇA DO CRIME

A Julio de Moura

Seu doutô: fui prezo ant'honte,
lá perto do Serrradão.
Tenho aqui no cravinóte
onze risco, mas porêm
não sou criminoso, não.
Fui prezo pulos sordado
prú via d'uma traição.

Saberá Vossa Sinhoria,
o sinhô doutô Juiz,
que cada risquinho deste
é uma morte que eu já fiz.
Eu li juro que estas mão
nunca fez fogo prú um hôme,
sem motivo e sem rézão.

Seu doutô: das outras nóve
não paga a pena falá.

Abasta só li contá
a rézão de toda a históra
das duas úrtima morte,
prá vancê pudê julgá.

Seu coroné Chico Inaço
que era um véio sortêrão,
me mandou chamá um dia,
prá mim dá cabo d'um moço,
o fio d'um fazendêro,
prú nome: doutô Janjão.
Se eu fizesse esse trabaio,
Seu moço, o coroné,
dava prá mim cem mir ré!!!!

Prá arrecebê os pataco,
eu tinha de li trazê
uma orêia do veiáco.
Prêmêro (era o meu custume)
eu preguntei, cum arrespeito,
que é que o moço tinha feito.

Seu Chico Inaço porvou
Que Seu Janjão, o doutô,
tinha róbado a Tumaza,
que era uma cria de casa,
munto moça e boazinha;
e, despois d'uns mixirico,
prú via lá... d'umas *coisa*,
tinha matado a bichinha.

Ao despois de te certeza
que o caso era verdadêro,
fui assuntá cum o moço,

— o fio do fazendêro.
Tive sorte. Eu me isbarrei,
cara a cara cum o canaia,
muntado n'uma biscaia.

O lugá era o mió
pra se fazê o trabáio.

Mais depressa do que um raio,
peguei na camba do freio,
e disse: — Seu moço, desça!...
— Senão levá já dois tiro
— no côvôado da cabeça. —

Seu Janjão, que conheceu
o cabra que li falava,
tremendo, desapiava!

Quando li disse a rézão
pruque eu ia li matá,
o moço caiu de juêio
e cumeçou a chorá.

Ao despois de confessá
que ele tinha feito tudo
que o Coroné me contou,
tremendo, me preguntou
se eu li podia fazê
um outro grande favô...
pagando bem... já se vê.

— Vancê diga — arrespondi
e o bacamarte iscundi.

Entonce o doutô me disse
que o seu Chico, o coroné,
tinha róbado a muié
d'um vaquêro da Fazenda,
que era um hôme tão honrado,
que, no fim de quatro dia,
já tinha sido enterrado.

Me contou que munta gente
do lugá sabia disso:
que a cabôca do vaquêro
prá via d'uma *doença*,
tinha levado um sumiço!...
E que ele, im lugá de cem
dava duzentos mir ré,
pra matá seu coroné.

— Apois, sim! — disse prú moço.

Ele tirou da cartêra
o papé verde e pintado,
dizendo munto incruado:
"Toma lá!... Isso é prá tu
dá um tiro bem na boca
daquele cabra safado".

— Vancê têje sem cuidado
— o hôme, im dois os três dia,
— vae atraz de vassuncê.
— Minha palavra tá fixe,
— Mais do que o preto no branco
— de quem prendeu a inscrevê.

— O negôço tá fechado!...
— Pode morrê discansado! —

Mas porêm, quando o mocinho
já ia, sem me intendê,
fazendo infúca cum o corpo,
prá amuntá todo lampinho,
e pula istrada corrê,
eu tirei o bacamarte,
e disse: vancê não segue,
pruquê tômbém vae morrê!

Pum!... Cum um tiro bem certêro,
butei o bicho no chão!

Curtei bem rente uma orêia!...
Imbruei!... E guardei dento
cá do borso do gibão.

Ante de eu hi percurá
seu coroné, quiz sabê
se era mintira ou verdade
aquelas coisa que o moço

disse ante de morrê.

Era verdade, patrão,
o que disse o seu Janjão!

Fui tê cum o seu Chico Inaço,
e disse: — Seu coroné,
— tá aqui a orêia do hôme! —
E ele, rindo, dissi: “Tome!...”
E me deu os cem mir ré!!!

Quando ele ia dando as costa,
satisfeito e impanturrado,
eu garrei no braço dele,
e disse: — Seu Chico Inaço!...
— Vancê tômbem tá curpado!
— O moço me contou tudo,
— tudo, tudo, pulo intêro,
— aquilo que vassuncê
— fez com a muié do vaquêro!
— O crime de vassuncê
— foi prú via de muié!
— Seu coroné me pagou
— prá dá cabo do mocinho
— do seu Janjão, cem mir ré.
— E o moço, cum curpa iguá,
— mas porêm, mais liberá,
— me deu mais!... Me deu duzento,
— prá matá seu coroné... —

Puxando o *boca-de-sino*,
eu que fui um bom Juiz,
e vancê chama assassino,
dei um tiro tão férmoso,
tão macio e tão gostoso,
que o coroné invisgou
e ali quétinho ficou!
Apois bem. Se o seu doutô
não me jurga um criminoso,
aperte aqui nestas mão!
Se me jurga um assassino,
me mande já prá prizão,
    que é só ansim, meu sinhô,
    que nós intende a Justicia
    lá prás banda do sertão.

VOCABULÁRIO

Biscaia — égua.
Trabaio — o trato, a morte.
Camba do freio — o freio.
Bacamarte — revólver de cano largo e curto.
Papé verde e pintado — o dinheiro, a nota de duzentos mil réis.
Incruado — feroz, cruel.
Preto no branco — a tinta no papel.
Lampinho — galante.
Fazer infúca — fazer tentativa.
Gibão — veste de couro.
Boca de sino — revólver.
Invisgar — cair para o lado.

A MÚSICA DO MORTO

A MÚSICA DO MORTO

A Junquilho Lourival.

Eu vinha do sertão e era o meu guia
um caboclo de gestos altaneiros,
que, segundo ele próprio me dizia,
era a flor dos mais célebres gaiteiros.

Ao passo dos cavalos madraceiros,
a história passional me referia
do seu mestre de canto e de harmonia,
que foi sempre o primeiro entre os primeiros.

O gaiteiro, o seu mestre bem amado,
tinha sido atrozmente desprezado
pela mulher mais linda do sertão.

Fazia muito tempo que morrera,
e a gaita divinal emudecera,
como emudece a voz de um coração

II

Era uma noite astral de primavera!
Noite aromal, de rústica pureza

e tão cheia de luz, que se dissera
que era a Festa Natal da Natureza.

A serra em que eu nasci, lá, bem distante,
se sumia tão meiga e tão veloz!
No caminhar, pausado, mas constante,
nós fugíamos dela e ela, de nós!

Ao sol do meu sertão, que a terra incrua,
já tinha dito adeus, no fim do dia!
Mas o sol, que se foi, deixou-me a lua,
que é o sol argênteo da Melancolia.

O caboclo falava do seu mestre,
sem guardar um momento, um só, de tréguas,
e entre o verdor do matagal silvestre
nós já tínhamos feito bem seis léguas.

De repente, avistei à luz nevada
do clarão do luar suave e etéreo,
os braços de uma cruz, meio inclinada,
como o emblema feral d'um cemitério.

Saltando para o chão, rapidamente,
com a mão esquerda as rédeas segurando,
com a direita, n'um gesto reverente,
o caboclo me disse, a cruz mostrando: —

"Patrão! Pequena pauza permiti!
"Não vos malestareis, certo, comigo

“N’um grabato de terra dorme ali
“meu grande mestre!... O meu saudoso amigo!

“Era um belo rapaz! Era um portento!
“Pois que ninguém, ninguém melhor sabia
“tirar como ele, um som neste instrumento,
“com mais amor, mais arte e melodia.

“Não passo por aqui, sem que, primeiro,
“soluce, nesta gaita dolorida,
“este canto de amor, o derradeiro,
“que ele fez p’ra mulher, que amou na vida”.

E a gaita dedilhando, ali, de bruços,
gemeu, com tanta mágua, que é de crer
que o finado, escutando os seus soluços,
despertasse e chorasse de prazer!

Porque a voz do instrumento apaixonado,
no soluço do eco prolongado,
de longe para nós repercutia,
como se o morto, súbito, acordado,
n’outra sanfona, ao mesmo tom maguado
respondesse da campa em que dormia,
E a golope partimos pela estrada!

Mas, no deserto da amplidão sonora,
por muito tempo, ainda, ouvi magüada,
a voz da gaita, pela noite afora!!

.....

A lua, em que o sertão todo se espelha,
transmontava no albor da extrema-unção,
como transmonta uma saudade velha
no horizonte sem fim da coração.

(OFERTÓRIO)

Minh'alma, que por ti soluça e chora
o fel de um pranto amargo e delirante,
inda agora repete, a todo o instante,
estes versos que eu vou dizer-te agora.

— Aquela voz monótona e chorona
da gaita do gaiteiro, dolorida,
era tal qual essa outra voz sentida
do humano coração, que é uma sanfona,
e vive, — quando o Amor, triste, o abandona,
quando a Esperança morre, emurchecida,
prosseguindo o seu longo itinerário,
no deserto do peito solitário,
— a sanfonar a música da vida.

(1) — Os enterros no sertão eram feitos a rede.

(*) — O sertanejo refere-se ao poema *Alma em Flor*, do ilustre acadêmico.

NOTA DE COPYRIGHT

O status de copyright, como de Catulo da Paixão Cearense, refere-se aos seus direitos morais, eternos. Quanto à presente edição, é feita em “fair use”, reputando a obra como de domínio público e em benefício de um direito moral do autor infelizmente não contemplado pela Lei 9.610 de 19/02/1998 [Lei dos Direitos Autorais].

Ela não menciona, entre os Direitos Morais do Autor (Artigo 24) o mais importante dentre eles, como qualquer autor sabe: o de ter sua obra divulgada, em vida e, principalmente, após sua morte.

Caso haja, nesta publicação, a violação de qualquer direito patrimonial (o que não acreditamos, visto a obra não ter sido republicada por mais de 60 anos e a presente edição estar sendo disponibilizada com cessão pública, que aqui fica declarada, de todo e qualquer direito patrimonial sobre ela), o detentor legítimo de tal direito, ou quem tiver conhecimento de algum, está cordialmente convidado a enviar seu e-mail para livros@ebooksbrasil.org para que o presente título seja prontamente retirado da apreciação

pública e possamos informar aos apreciadores da obra de Catulo onde poderão adquiri-la.

©2000,2006 Catullo da Paixão Cearense

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Outubro 2000

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos
GRÁTIS
direto na fonte:
eBooksBrasil.org

Edições em pdf e eBookLibris
eBooksBrasil.org

Março 2006